

Montijo Hoje

INFORMAÇÃO MUNICIPAL



ESPECIAL

Igualdade

39

ABRIL
2021
II SÉRIE



Frederica Franco
Tenente Piloto Aviador
Base Aérea N.º 6, Montijo



Montijo à Mesa O Belchior 7



Entre Nós Lúcia Ramalho 11



Destaque Montijo comemora 25 de Abril 13

Montijo Hoje

Ficha Técnica

Periodicidade

Bimestral

Propriedade

Câmara Municipal do Montijo

Diretor

Nuno Ribeiro Canta,

Presidente da Câmara

Municipal do Montijo

Edição

Gabinete de Comunicação

e Relações Públicas

Colaboração

Roger Lee de Jesus

Marina Birrento

Miguel Nascimento

Impressão

WGROU

Depósito Legal

376806/14

Tiragem

30 000

ISSN 2183-2870

Distribuição Gratuita



Especial Igualdade 15-27



Entrevista Catarina Potra 29



Covid-19 Cerca de 25 por cento da população já vacinada 27



Celebrar os ideais de Abril

Celebrar o 25 de abril de 1974 é celebrar com patriotismo democrático, um Portugal nascido de abril, pluralista, europeu e universalista.

Portugal já não está orgulhosamente só como alguns diziam, mas sim, e por vontade própria, acompanhado na União Europeia e nos países de língua portuguesa, nomeadamente no espaço atlântico e na comunidade internacional. Um Portugal que se rege pela égide dos direitos humanos e direito internacional.

A celebração dos valores do 25 de abril tem um sentido de futuro, e impõe uma reflexão crítica sobre como prosseguimos interesses locais num quadro de competição com outros municípios e, em particular, na área da Grande Lisboa.

O poder local foi a maior conquista do 25 de Abril de 1974, com a implementação dos direitos consagrados na Constituição da República Portuguesa e o reconhecimento das autarquias locais.

Com o poder local democrático asseguramos as liberdades cívicas, afirmamos interesses das populações, garantimos a coesão social, consagramos os direitos humanos e demos resposta aos problemas e aspirações dos cidadãos.

Após anos de profunda crise da Troika e agora, infelizmente, com a crise pandémica que traz novamente crise económica social e de saúde pública, muito depende exclusivamente de nós para avançarmos com confiança na modernização do nosso concelho, na valorização da educação de todos, na valorização da escola pública, na inovação e na criatividade cultural, no esforço e na coesão social e na integração dos nossos migrantes que nós, como concelho de grande desenvolvimento, vamos tendo.

Seria um erro absoluto menorizar que é no espaço da União Europeia que jogamos muito do que é o nosso desenvolvimento e que Portugal, unindo-se a outros países europeus, tem mais força.

Temos de reconhecer que as vagas constantes do alargamento da União Europeia, os avanços tecnológicos, a modernização das empresas, nomeadamente a nível da agricultura, e a abertura de mercados constituem, por vezes, choques para o nosso desenvolvimento, para a economia e para a soberania nacional.

Precisamos de encontrar condições para continuar a desenvolver o país, para criar emprego na Península de Setúbal e no Montijo.

É verdade que enfrentamos dificuldades, também decorrentes da pandemia, desde março do ano passado. O país, as famílias, as empresas, infelizmente, estão a atravessar um período de crise económica e social. Mas, também, é verdade que o Montijo resulta de um conjunto de forças mobilizadoras, é hoje uma terra central na Área Metropolitana de Lisboa e que está a agarrar com confiança as novas oportunidades.

Estamos a aproveitar o investimento previsto no novo aeroporto do Montijo para internacionalizar a economia, a reabilitação urbana e os novos hotéis para alargar o emprego nos setores do turismo e dos serviços, a modernização da agricultura para alargar a base económica e cultural do Montijo. Estamos a investir no presente para não deixar ninguém para trás e para construir um horizonte de futuro para os nossos filhos e netos.

É imperativo gerir as nossas responsabilidades como autarcas com seriedade, no processo autárquico local, saído de abril. Cientes que tudo começa em nós, com a nossa atitude e começa também na seriedade com que olhamos para os nossos cargos. Conscientes que se não formos nós a defender os direitos do Montijo, ninguém o fará por nós.

A recuperação da economia montijense passa pelo fortalecimento do investimento de proximidade, público e privado, por forma, a contribuir em contraciclo e salvar empregos, empresas e vidas.

Celebremos o ideário do 25 de Abril, a forma republicana do governo, a ideia da soberania popular, da valorização da participação cívica, do associativismo e a defesa e valorização do que é e tem sido o poder local no desenvolvimento país.

Celebremos então os ideais do 25 de Abril não como evocação do passado, mas sim como sentido de que estamos novamente a construir a democracia, enquanto cidadãos e montijenses!

Nuno Canta
Presidente da Câmara

***É** imperativo gerir as nossas responsabilidades como autarcas com seriedade, no processo autárquico local, saído de abril. Cientes que tudo começa em nós, com a nossa atitude e começa também na seriedade com que olhamos para os nossos cargos. Conscientes que se não formos nós a defender os direitos do Montijo, ninguém o fará por nós.*

PROTEÇÃO CIVIL

Bombeiros de Canha com nova ambulância de socorro

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Canha vai poder adquirir um veículo destinado a ambulância de socorro com o apoio concedido pela Câmara Municipal do Montijo num valor de 62 mil euros.

O apoio, justificado pelo elevado número de quilómetros que registam os veículos da mesma natureza que esta corporação tem ao serviço, representa um reforço muito importante nos meios ao serviço da assistência às populações e aos doentes, das freguesias mais distantes da sede do concelho do Montijo. A proposta foi aprovada na reunião de câmara, de

17 de março, na qual foi também concedido um apoio, em espécie, com o fornecimento de Equipamentos de Proteção Individual às corporações de bombeiros do concelho.

Estes apoios assentam na política ativa da autarquia ao longo dos últimos anos, apostando no apoio aos agentes de proteção civil do concelho, em particular aos bombeiros, através do reforço financeiro dos protocolos de cooperação, do financiamento das equipas de intervenção permanentes e de diversos apoios financeiros para aquisição de viaturas e ambulâncias.



SOLIDARIEDADE

Município adere a Rede Solidária do Medicamento

A Câmara Municipal do Montijo concedeu um apoio financeiro de 5000 euros à Associação Dignidade, que permitirá disponibilizar verba a 50 beneficiários do Programa ABEM- Rede Solidária dos Medicamentos.

A Dignidade é uma Instituição Particular de Solidariedade Social responsável pelo desenvolvimento, operacionalização e gestão do programa ABEM - Rede Solidária do Medicamento, que tem por ob-

jetivo garantir o acesso ao medicamento em ambulatório por parte de qualquer cidadão impossibilitado de adquirir os medicamentos comparticipados que lhe sejam prescritos por receita médica.

O município aderiu, assim, à Rede Solidária do Medicamento, de forma a minorar as dificuldades dos grupos vulneráveis na aquisição de medicamentos e sem comprometer ainda mais a sua condição económica.

Bombeiros do Montijo contam com verbas municipais

A Câmara Municipal do Montijo atribuiu uma verba de aproximadamente 8 mil euros à Associação dos Bombeiros Voluntários do Montijo. Um valor destinado a fazer face aos encargos suportados com as refeições diárias fornecidas aos bombeiros voluntários que asseguraram os turnos de funcionamento do corpo de bombeiros, entre 6 de janeiro e 1 de março.



Santa Casa da Misericórdia do Montijo apoiada pela autarquia

A Câmara Municipal do Montijo atribuiu um apoio em espécie à Santa Casa da Misericórdia do Montijo, com uma arca congeladora de 1400 litros, de 2 portas, no valor de 2951, 88 euros.

A necessidade deste equipamento surge no seguimento da conjuntura atual, provocada pela pandemia de Covid-19 e pelo acréscimo de solicitações de apoio alimentar de famílias vulneráveis. Face a esta realidade a instituição deparou-se com a inevitabilidade de reforçar a disponibilidade e capacidade dos equipamentos de refrigeração e armazenamento.

O apoio aprovado permitirá assegurar o fornecimento e qualidade dos produtos alimentares, garantindo a sua distribuição aos beneficiários em condições de higiene e cumprindo as regras de segurança alimentar.





Programa Municipal Vale Mais Comprar Local

O Programa Municipal Vale Mais Comprar Local, promovido pela Câmara Municipal do Montijo, tem como objetivo apoiar as micro-empresas do comércio tradicional, que estiveram encerradas ou viram a sua atividade limitada por força do confinamento e, apoiar também as famílias mais vulneráveis. Um investimento da autarquia no valor total de 120 mil euros. No âmbito do Programa Municipal Vale Mais Comprar Local, serão emitidos 40 mil Vales de Desconto, no valor de 2€ cada, num total de 80.000€, para distribuir aos comerciantes aderentes ao programa.

Para as famílias mais vulneráveis, utentes da Rede de Apoio Alimentar do concelho, serão emitidos 20 mil Vales Famílias, de 2€ cada, num valor total de 40.000€. Esta distribuição será efetuada pela Divisão de Desenvolvimento Social e Promoção da Saúde (DDSPS) da Câmara Municipal do Montijo. O funcionamento dos Vales de Desconto é simples. O estabelecimento aderente, devidamente identificado, fará ao cliente um desconto imediato de 2€, em compras de valor igual ou superior a 10€ e múltiplos de 10€, até ao limite de três Vales por compra.

Os Vales Família serão entregues às famílias mais vulneráveis, utentes da Rede de Apoio Alimentar do Concelho do Montijo, um livro de 20 Vales a cada membro do agregado familiar. Cada livro tem um valor total de 40€ para utilizar em compras nos estabelecimentos aderentes. O valor do Vale Família não pode ser reembolsado total ou parcialmente, não existindo lugar a troco. Os Vales de Desconto e os Vales Família não podem ser utilizados na aquisição de álcool, tabaco e jogos (raspadinhas, euromilhões, totoloto e outros jogos de sorte e azar).

ESPAÇO PÚBLICO

Tony Cassaneli apresenta propostas para a Rotunda do Apeadeiro de Sarilhos

No dia 9 de abril, o escultor italiano, Tony Cassaneli apresentou, ao presidente da Câmara Municipal do Montijo, Nuno Canta, propostas da escultura que irá ser colocada na rotunda do Apeadeiro de Sarilhos.

O artista apresentou duas maquetas numa perspectiva de homenagem à floricultura montijense e, por sua vez, portuguesa, com base em aspetos relacionados com a flor.

A estrutura contempla a ideia de uma flor e de um ramo que se estende pela rotunda. A flor será direcionada para as entradas vindas da direção de Setúbal e Sarilhos constituindo a oferta de um ramo de flores a quem entra na cidade.

Tony Cassanelli nasceu em Bari, Itália, em 1979. Desde criança que, desenhar e estudar a natureza foi o seu único grande interesse. Aos 18 anos, muda-se do Sul para o Norte de Itália, mais pre-

cisamente, para Carrara, na Toscana, onde frequenta, a Academia de Belas Artes, concluindo o curso de forma honrosa.

Depois de mais de 12 anos em Carrara, decide viajar em busca do que mais o atrai: o conhecimento da natureza profunda dos seres humanos e das várias culturas. A vontade de comunicar a sua arte também fora dos contextos mais elitistas levou-o a colaborar com músicos e artistas, como foi o caso de Madonna.

Já recebeu vários prémios, participa em diversas exposições coletivas e individuais, a sua obra está presente em coleções particulares em Itália, Suíça, Noruega, Estados Unidos e Portugal.

Depois de percorrer o mundo e abrir ateliês em Nova Iorque, Paris, Roma e Toscana decidiu fixar-se em Portugal, mais precisamente no Montijo, onde instalou o seu ateliê.



SOLIDARIEDADE

Município apoia Banco Alimentar Contra a Fome

A Câmara Municipal do Montijo deliberou atribuir de 5 mil euros ao Banco Alimentar Contra a Fome de Setúbal, atendendo ao reforço necessário de pessoal e de despesas inerentes à operacionalização do transporte, armazenamento e conservação de produtos alimentares que a instituição necessita.

A verba aprovada na reunião de câmara de 17 de março, acresce mil euros em relação ao ano transato e é especialmente relevante face ao aumento do número de instituições e pessoas que precisam de apoio alimentar, em resultado da situação excecional provocada pela pandemia COVID 19.

Este é mais um apoio que reforça as medidas de apoio económico e social que a câmara tem adotado no sentido de apoiar as famílias mais vulneráveis e as empresas do concelho de forma a minorar e contrariar os impactos socioeconómicos da COVID-19.

FORMAÇÃO

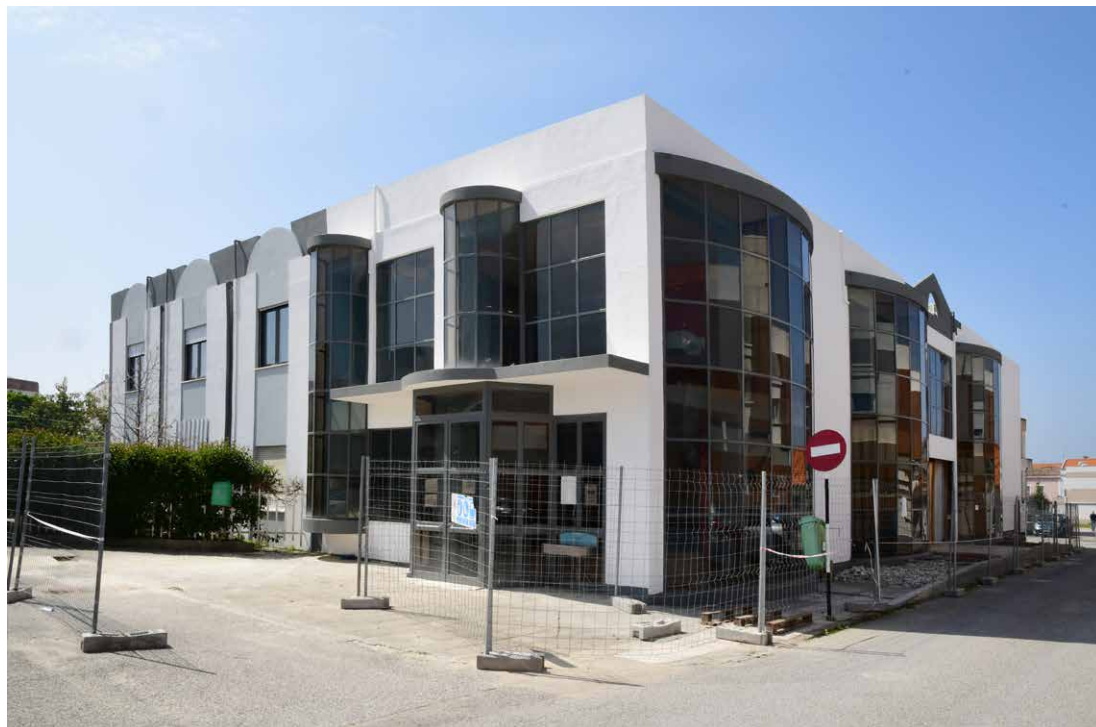
CRAM tem inscrições abertas

O Conservatório Regional de Artes do Montijo (CRAM) tem inscrições abertas para o Ensino Especializado, Ensino Articulado Gratuito e para o Curso Básico de Música.

O Curso Básico de Música Articulado tem inscrições abertas para vários instrumentos. O ingresso requer prova de aptidão a Formação Musical e Instrumento e está sujeito às vagas disponíveis para o ano letivo 2021-2022.

O curso básico de Música Iniciação tem vagas limitadas em vários instrumentos e ainda financiamento disponível.

Mais informações no Facebook do Conservatório Regional de Artes do Montijo, por mail conservatoriodomontijo@epmontijo.edu.pt ou através do número 211826071.



SAÚDE

Hospital de Dia de Psiquiatria conta com apoio da autarquia

O Hospital de Dia de Psiquiatria irá funcionar, em breve, na Unidade Hospitalar do Montijo, nas antigas instalações de Medicina Interna. Trata-se de uma unidade destinada a utentes com potencial reabilitativo, em fase de recuperação, a merecer uma intervenção diária e intensiva.

A Câmara Municipal do Montijo deliberou a atribuição de um apoio financeiro ao Centro Hospitalar Barreiro Montijo, EPE no montante de 5 mil e novecentos euros para aquisição de

oito cadeirões para que os doentes realizem as suas intervenções terapêuticas em condições clínicas e de conforto adequadas.

O Hospital de Dia, um investimento de cerca de 200 mil euros, é uma das três novas estruturas técnicas que estão a ser desenvolvidas no âmbito do InCom, um projeto de Intervenção Comunitária em Saúde Mental, desenvolvido em conjunto com o Aces – Arco Ribeirinho, da responsabilidade do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental do Centro Hospitalar Montijo Barreiro.

SOLIDARIEDADE

Equipamentos de Proteção Individual atribuídos às IPSS

O município do Montijo aprovou a atribuição de um apoio em espécie, de Equipamentos de Proteção Individual às Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e associações do setor social, com valências de Estabelecimentos Residenciais para Idosos, Serviço de Apoio Domiciliário, Centro de Dia ou Centro de Convívio.

A autarquia considera que as IPSS do concelho têm prestado, nesta situação de pandemia,

um serviço inestimável aos munícipes do Montijo e, em particular, aos mais vulneráveis.

Assim, no Programa Municipal de Solidariedade que prevê o apoio às IPSS e outras associações do setor social, nomeadamente através da entrega de equipamentos de proteção individual, vão ser atribuídas 8850 máscaras FP2, 2900 fatos de proteção integrais, 3450 máscaras cirúrgicas, 43100 luvas, 7950 batas, 7600 toucas, 8100 aventais, 6600 cobres sapatos e 11000 mangas.

RESTAURANTE **O BELCHIOR**

A maior frescura para dar ao cliente a refeição que procura

O lema do restaurante “O Belchior” é, citando o proprietário Luís Belchior, “confeccionar e servir sempre fresco” e “dar ao cliente aquilo que este procura”. É com este mote que o proprietário e a sua família, trabalham todos os dias na aventura de servir aos montijenses a melhor refeição, numa casa onde nada se congela e tudo o que sobra é doado a quem mais precisa.

Conhecedor do país de norte a sul e arquipélagos, o proprietário trouxe, um pouco de toda a parte, as receitas que o levaram à primeira edição do Masterchef Portugal. Apresenta todos os dias uma gastronomia tradicional portuguesa, confeccionada com as melhores matérias-

“É o cliente que faz a publicidade, continuo a acreditar que com trabalho as coisas surgem. É preciso ‘lançar a semente à terra’, ou seja, dar ao cliente aquilo que procura, que ele sai satisfeito e volta”

-primas, escolhidas por quem toda a vida viveu no mundo da gastronomia.

O Cozido à Portuguesa, o cabrito assado, as favas, o Bacalhau à Narciso e uma seleção das melhores carnes são alguns dos destaques de uma ementa rica em sabor, conhecimento e dedicação. Nas sobremesas, além dos típicos doces caseiros, o restaurante apresenta também uma seleção de bolos à fatia, selecionados e adquiridos diariamente e uma outra sobremesa em especial, o Pudim Abade de Priscos, receita que Luís trouxe de Braga, cidade onde esta foi criada, a qual considera ser “a melhor sobremesa do mundo”. Com uma média de preços diária a rondar os 9,50€, mesmo que se perca nas saborosas e selecionadas carnes de denominação de origem, não pagará mais de 23€.

Desde sempre a disponibilizar serviço de *take away*, assim continuou a fazê-lo durante a pandemia. Embora nunca tenha parado reconhece que a restauração perdeu muito: “Ganhamos para a despesa da casa, mas sem o café, a imperial ou o jarro de vinho, o nosso lucro cai para



menos de metade” e, por isso, apela ao “juízo das pessoas para que isto melhore e avance”.

Há 28 anos, ladeado pela sua esposa na vida profissional, Luís Belchior garante que nesta casa há espaço para todos, inclusive para quem mais precisa: “Com o restaurante temos dado muitas sopas, comidas e bens de consumo, mas já é da minha maneira de ser ajudar o próximo. Quem precisa sabe que encontra no Belchior um refúgio e eu não dou restos, retiro das doses do prato do dia. Acho que cada um de nós tem um papel e um dever solidário, pelo menos com o vizinho do lado, temos de ajudar o próximo. Deus dá em dobro.”

Fruto de muito trabalho e dedicação, o segredo do sucesso do restaurante e da família Belchior é “Não defraudar, procurar sempre as melhores

matérias-primas e melhorar o que conseguirmos. É o cliente que faz a publicidade, continuo a acreditar que com trabalho as coisas surgem. É preciso ‘lançar a semente à terra’, ou seja, dar ao cliente aquilo que procura, que ele sai satisfeito e volta” conclui Luís Belchior.

Certamente vai valer a pena provar o que “O Belchior” tem para lhe oferecer e deixar-se surpreender!

RESTAURANTE **O Belchior**

Rua Padre Manuel Gonçalves 190, 2870 Montijo

21 231 26 72 // 96 301 98 22

www.facebook.com/O-Belchior-Montijo

Estórias com História

A história de um padre em Sarilhos

A escavação arqueológica de 2020 da Ermida de Nossa Senhora da Piedade, em Sarilhos Grandes, integrada na actividade do projecto SAND – *Sarilhos Grandes entre Dois Mundos*, veio revelar várias peças do intrincado puzzle da história desta localidade e do próprio desenvolvimento do antigo concelho de Aldeia Galega do Ribatejo, no período moderno. Uma destas peças é o Enterramento I, que cremos corresponder ao Pe. António de Gouveia Cardoso, sacerdote de Sarilhos Grandes entre 1694 e 1704.

António nasceu em 1667, na vila da Mêda (actual distrito da Guarda), território sob alçada da Ordem de Cristo. Os seus pais, Domingos Dias Pimentel e Catarina de Gouveia Cardoso, eram pessoas proeminentes do local. Domingos era tabelião e escrivão das sisas, o que lhe conferia alguma distinção local; já o seu próprio pai, Domingos Dias, fora capitão de ordenanças da Mêda, o que reforçava o seu papel dentro da nobreza da região. A sua mãe, Catarina, era filha de Gaspar Cardoso Caldeira, escrivão da câmara e almotaçaria de Longroiva, terra vizinha. Assim, o baptismo de António veio a realizar-se a 29 de março de 1667, sendo um dos padrinhos o próprio pároco da vila da Mêda, o Pe. Manuel Caldeira.

Nada sabemos da sua infância ou adolescência. É muito provável, porém, que tenha permanecido junto da sua numerosa família, de que já identificámos oito irmãos: Antónia, Gaspar, Juliana, Brígida, Domingos, Maria, Matias e Ana. De resto, filho segundo de uma família tão alargada, o seu ingresso na vida religiosa, mais do que o seguir de uma vocação, poderá ter surgido como uma imposição e/ou estratégia de carreira, que lhe garantia a subsistência, sem lesar a herança dos primogénitos.

Só voltamos a ter conhecimento das suas andanças em 1694, quando, em julho, recebe o hábito de freire professo da Ordem de Santiago (sedeada em Palmela), bem como a capelania da igreja de São Jorge de Sarilhos Grandes, por nomeação de D. Pedro II, na qualidade de administrador das ordens militares, «por confiar da [sua] bondade e sapiência». Podemos ver a sua própria assinatura no registo da tomada de hábito, hoje no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Em dezembro desse ano, recebia a confirmação régia do mantimento anual a que tinha direito enquanto pároco da localidade: para

além das oblações (donativos) dos paroquianos, o sacerdote receberia 1 moio e 30 alqueires de trigo por ano, o que corresponderia a um valor aproximado de apenas 30 mil réis, o equivalente a 125 dias de trabalho consecutivo de um pedreiro em Lisboa, nesse mesmo período.

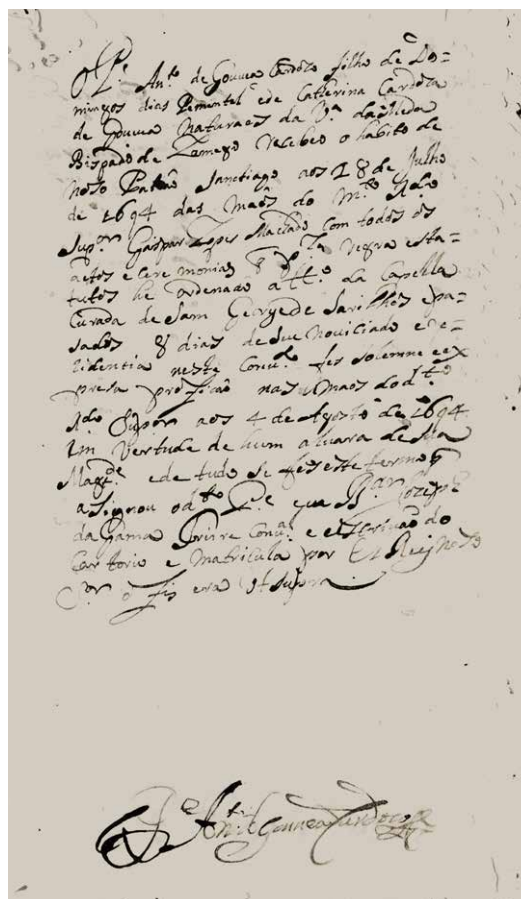
Apesar da sua nomeação, em outubro de 1695, Gouveia Cardoso requeria autorização para concorrer a alguma vaga nas igrejas da Ordem de Cristo, procurando ir para mais perto da família. Justificava o pedido com o facto de a sua mãe ser viúva, tendo à sua guarda quatro irmãs donzelas por casar, e que «necessitavam de sua assistência para com ela as ajudar a viver». A autorização a este pedido de mobilidade (prática frequente à época) foi concedida, mas, por motivos que desconhecemos, o prior de São Jorge não chegou a sair do lugar, o que lhe poderá ter criado alguma insatisfação pessoal.

Em 1702 iniciou o processo de *habilitação* de familiar do Tribunal do Santo Ofício, isto é, da Inquisição. Os familiares eram os agentes locais deste tribunal religioso, que tanto marcou o imaginário popular da época moderna. Em caso de necessi-

dade, a Inquisição requeria a colaboração destes agentes, fosse na indagação de testemunhas, fosse na realização de outras tarefas em nome do Tribunal. Tratava-se sobretudo de um estatuto social que confirmava a “limpeza de sangue” do seu requerente, isto é, a inexistência de antepassados de origem cristã-nova (judia), muçulmana, escrava ou até protestante. A confirmação do estatuto de familiar do Santo Ofício consolidava a honra do indivíduo em causa, assegurando sobretudo o seu papel na comunidade local. No caso do Pe. António de Gouveia Cardoso, o processo iniciou-se com o levantamento de quatro testemunhas na Mêda: o capitão da vila, o pároco local e dois sapateiros. Todos atestaram o seu bom nome e as suas origens, contudo o processo seria interrompido, muito provavelmente, por altura da sua morte, em 1704, como veremos adiante. Um dos seus irmãos, Matias Caldeira de Vasconcelos, haveria de conseguir o estatuto posteriormente, em 1715.

Sobre a sua atividade enquanto pároco, apenas lográmos encontrar um documento. Todavia, por se tratar do registo de uma visitação pastoral de 1703, fornece-nos muita informação. As visitas pastorais, instituídas veementemente, pela Igreja, a partir do Concílio de Trento (1545-1563), eram constituídas pela visita do prelado da diocese, ou de um seu representante, às suas paróquias para aferir sobre o estado da igreja e dos comportamentos quer das populações quer do próprio clero. Estas eram utilizadas como instrumento de controlo social da Igreja, visando incutir normas e interditos sociais, criminalizando, ao mesmo tempo, comportamentos que eram, de forma geral, tolerados pelas populações, mas considerados “desviantes”. Do ponto de vista prático, a visita era anunciada previamente, com a afixação de um edital na igreja, no qual se indicavam os comportamentos que deveriam ser denunciados. No próprio dia, depois da vistoria à igreja, o visitador escolhia, ao acaso, várias testemunhas a serem interrogadas. Conforme os delitos, o visitador cruzaria as informações e admoestava os culpados a darem-se como tal; do mesmo modo que o escrivão inscreveria no documento aqueles cujas denúncias não tinham sustento. No caso de Sarilhos, foram identificadas cerca de 40 visitas, entre 1600 e 1782, hoje conservadas no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa.

Mas regressemos à visitação de Sarilhos que nos interessa, datada de 10 de fevereiro de 1703. Foram inquiridas 7 testemunhas. Uma delas disse nada saber; outra apenas acusou uma mulher de infanticídio, levantando suspeitas sobre a morte de dois filhos gémeos; já 5 Sarilhenses denunciaram, com algum relevo, as acções do Pe. António de



Registo da tomada de hábito na Ordem de Santiago Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Ordem de Santiago e Convento de Palmela, liv. 104

Gouveia Cardoso. Foi dito então, que o padre era de «perversa condição que não havia na freguesia quem se entendesse com ele» e de animo «vingativo», e era tido «por homem de mau coração» e «escandaloso»; que «era muito luxurioso e que investia as mulheres casadas e com duas se diz que anda amancebado»; que certa vez o viram correr atrás de uma paroquiana, pela rua, «levantando lhe com um pau as saias e a dita se meteu em sua casa e o Padre lhe vinha dizendo que não fugisse, que nem no sobrado lhe havia de escapar»; e que se dizia que «acometeu à força uma mulher que naquele tempo era viúva, padeira, e a dita se livrou dele e muita gente acudiu e viram o Padre vir [de casa dela] cheio de massa e farinha»; numa referência talvez ao estruendo mencionava que «de noite anda com uma buzina com rancho de mulheres a tocar pulhas e com uma borracha de água a molhar gados e algumas noites andava com um chocalho de vacume pelas herdades para inquietar e fazer levantar aos que estavam na cama»; mostrava ter ainda carácter violento, já que tinha «descomposto de pancadas muitos homens e ferindo-os, e são três os que ele, testemunha, sabe que tem ferido», e que «dera em um moço, o qual se foi curar ao hospital de Lisboa e dizem dele morreu».

Paralelamente, era ainda dito que vendia «todo o género de mercancia e até chouriços», e que ainda rachava e vendia lenha, incluindo a dos terrenos pertencentes à igreja, de São Jorge, e que embolsava o dinheiro. Esta participação do sacerdote na economia local, provavelmente para complementar os seus parcos rendimentos, pode ter gerado a maior inimizade com os paroquianos, visto que concorreria com eles no abastecimento da localidade. Segundo vários dos inquiridos chegava a vender carne de porco (a de maior consumo) a 80 réis o arrátel, um valor claramente inflacionado visto que o preço médio à época, na capital, era de 55.

Enfim, uma das testemunhas acabava por dar conta que «o que tinha referido era tão publico que o sabiam os meninos da rua».

Sabemos que as culpas do pároco foram tiradas e remetidas para a Mesa da Consciência e Ordens – o tribunal da Coroa responsável por tutelar, entre outros, as ordens militares. E, a partir daí, mais nada sabemos... infelizmente, a maior parte do arquivo da secretaria da Ordem de Santiago perdeu-se, ao longo dos séculos. Contudo, o trabalho de investigação do projecto, ainda em curso, poderá ajudar a iluminar o desfecho deste caso.

Apesar da vivacidade dos testemunhos, não tenhamos ilusões: este caso não é único! Num tempo em que os padrões morais e de comportamento eram consideravelmente diferentes, a igreja tentava, dentro da sua esfera de influência, moldar as populações na restrição dos impulsos «desviantes» e que atentavam a uma moral mais ortodoxa. As dezenas de estudos sobre as visitas pastorais mostram como este processo foi longo e similar por todo o país. Outras visitas para Sarilhos Grandes mostraram comportamentos idênticos de outros párocos. Veja-se o caso do Pe. António Semedo, que chegou à paróquia em 1706 e que foi também acusado de delitos semelhantes. No entanto, as acusações prolongaram-se ao longo dos anos ao ponto do mesmo ser preso na cadeia do Limoeiro, em Lisboa. Conseguiu, posterior-

mente, livrar-se das acusações e regressar a Sarilhos Grandes, caso que extravasa este artigo.

A análise da visita de 1703 não só nos permite traçar um perfil do Pe. António de Gouveia Cardoso, mas também perceber as tensões sociais da época, bem como as relações de poder existentes a nível local. Além disso, este tipo de fontes históricas fornece-nos ainda um alargado conjunto de informações sobre a vida económica, como sejam as profissões das testemunhas arroladas, as actividades exercidas por aqueles envolvidos ou ainda o consumo alimentar e a produção agrícola, ajudando a caracterizar a região e os seus habitantes.

Apesar das denúncias feitas, o processo poderá não ter tido desfecho pela morte do perpetrador. Efectivamente, apesar dos registos paroquiais de

lar, esvaziada do seu significado original, e que se manteve até ao século XIX. A moeda em questão, um meio vintém de prata, do reinado de D. Afonso VI, foi emitida inicialmente em 1663, e já nem teria valor real em 1704 – a sua valia, 10 réis, daria então para comprar pouco mais que um ovo. O terceiro elemento é a lápide sob a qual os seus restos mortais repousavam: uma pedra tumular com um escudo em branco, mas com uma espada que deverá corresponder à sua identificação enquanto freire professo da Ordem de Santiago. Por último, a própria posição do enterramento, com a cabeça virada para Este, junto do altar, é, por regra, associada aos sacerdotes.

A memória do Pe. António de Gouveia Cardoso desapareceu de Sarilhos Grandes até agora, reavivada pelo projecto SAND e pela escavação da ermida



Escavação do Enterramento 1, interpretado como o Pe. António de Gouveia Cardoso (1667-1704), na ermida de Nossa Senhora da Piedade, Sarilhos Grandes.

Sarilhos Grandes apenas subsistirem a partir da década de 1760, o registo da morte do nosso sacerdote ficou gravado no livro de óbitos da igreja do Espírito Santo de Aldeia Galega do Ribatejo: «Aos vinte e nove de Maio de Setecentos e quatro faleceu, com todos os sacramentos, o Padre António de Gouveia Cardoso, freire professo da nossa ordem, capelão curado de São Jorge do lugar de Sarilhos o Grande; jaz na ermida da Senhora da Piedade do mesmo lugar onde faleceu».

Este registo é um dos elementos que nos permite identificar, com algum grau de certeza, que o enterramento descoberto na ermida de Sarilhos poderá corresponder a este sacerdote. O outro elemento é a moeda com que foi sepultado, colocada numa bolsa, à cintura, resquício simbólico da Antiguidade, quando os mortos eram enterrados com uma moeda na boca, o famoso óbolo que serviria para pagar a Caronte (personagem mítica) a passagem para o mundo do além. No período medieval e moderno, era ainda prática corrente este enterramento com uma moeda, mas apenas por tradição popu-

Nossa Senhora da Piedade. A riqueza deste achado encontra-se sobretudo no conjunto de bens materiais (terço, moeda, vestes fúnebres, calçado) com que repousava, que permitirão compreender melhor as práticas de enterramento à época. Infelizmente, a má conservação dos ossos dificulta um estudo mais aprofundado das suas características físicas, bem como de possíveis patologias sofridas pelo pároco, mas que serão, dentro do possível, estudadas pelos antropólogos biológicos do projeto.

Assim, o prosseguimento da investigação, aprofundando as fontes históricas, o estudo do contexto funerário do achado e a sua dimensão antropológica, permitirão traçar um retrato mais seguro deste sacerdote e do seu papel na história de Sarilhos Grandes.

Nota: para conforto de leitura, omitiram-se as referências bibliográficas e de arquivo, e actualizaram-se as citações para português actual.

Roger Lee de Jesus
CHSC (UC) e CHAM (FCSH-UNL);
bolseiro do projecto SAND



CURSOS PROFISSIONAIS

21|22

aposta em ti!

nível 4 | 12º ANO

21 231 38 62 | caa@epmontijo.edu.pt**epm inscreve-te!**em Facebook **Escola Profissional do Montijo**

TURISMO
RESTAURANTE - BAR
COZINHA - PASTELARIA
GESTÃO E PROGRAMAÇÃO DE SISTEMAS INFORMÁTICOS
MANUTENÇÃO INDUSTRIAL - MECATRÓNICA AUTOMÓVEL
MULTIMÉDIA

A oferta formativa aguarda aprovação pelo Ministério de Educação



escola profissional do montijo



MÚSICA

V Concurso Internacional de Composição

Estão abertas as inscrições para o V Concurso Internacional de Composição GMCL/Jorge Peixinho organizado pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Uma iniciativa que conta com o apoio da Câmara Municipal do Montijo.

Existirão duas categorias dentro da formação do GMCL (Mezzo-soprano, Flauta, Clarinete, Violino, Viola, Violoncelo, Harpa, Percussão e Piano): A - Categoria Ensemble (formação completa do grupo) e B - Categoria Música de Câmara (mínimo de quatro intérpretes). Em todas as categorias poderá ser incluída eletrónica.

O concurso, uma homenagem ao maestro montijense, Jorge Peixinho, um dos maiores compositores do século XX é organizado pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e pretende ser um incentivo à criação musical e à divulgação do trabalho de jovens compositores, contribuindo para o incremento do repertório contemporâneo de música de câmara.

O Júri é constituído por: Ivan Fedele (presidente), Gerhard Stabler, João Madureira, Carlos Caires, Jaime Reis, Jorge Sá Machado e Ada Gentile (convidada especial);

As obras a concurso e o formulário de inscrição deverão ser enviadas em formato digital (pdf), até ao dia 20 de agosto de 2021 para: gmclconcursocomposicao@gmail.com

O V Concurso Internacional de Composição GMCL/Jorge Peixinho conta com seguintes apoios: DGArtes, Câmara Municipal de Lisboa, Câmara Municipal do Montijo, Antena 2, Ava-Edições Musicais, EAMCN. Saiba mais em www.gcm.l.pt

TEATRO

Nó da Companhia

Mascarenhas-Martins no CTJA



De 7 a 9 de maio terá lugar a apresentação do espetáculo Nó da Companhia Mascarenhas-Martins, no Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida (CTJA). Dias 7 e 8 de maio às 20h00 e dia 9, às 16h30.

A peça de teatro conta a participação de André Alves, André Reis, João Jacinto, Pedro Nunes. Com voz de Miguel Branco, texto e encenação de Maria Mascarenhas.

Passo número um: pendurar a gravata ao pescoço... Enquanto Pedro termina a sua rotina diária, questiona-se porque tem de ser sempre assim. A extremidade larga voltada para a direita, com a costura voltada para fora. A ponta acima do umbigo. Dois: passar a extremidade larga por detrás da estreita, para a esquerda. Não é que nunca tenha pensado no assunto, mas há sempre aquele dia em que o familiar se torna irreconhecível, como quando uma palavra, de tantas vezes repetida, passa a ser um

som desprovido de sentido. Três: trazer a mesma extremidade para a direita, pela frente. Mas e depois, o que fazer? Quatro: deslizar para cima. Cinco: puxar para baixo. Seis: apertar. Sete: deslizar. Fazer o quê? Veste o casaco. Passa o pente pelo cabelo. Oito: ajustar. Sai. Nove: reunião na Associação de Estudantes. Dez: Pedro é o presidente.

Este espetáculo conta com o apoio da Câmara Municipal do Montijo, da Câmara Municipal de Setúbal, da Junta de Freguesia da União das Freguesias de Montijo e Afonsoeiro, da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro e do Ateneu Popular de Montijo.

Parceiro Institucional: RP- Ministério da Cultura
Teatro // M/14 // 7,5€

5 € para jovens até 30 anos, estudantes de artes e profissionais do espetáculo.

7 maio | sexta-feira | 20H00

8 maio | sábado | 20H00

9 maio | domingo | 16H30

ENTREVISTA | **LÍDIA RAMALHO**

Uma Mulher imparável

Lídia Ramalho, “montijense de gema”, como gosta de frisar, é daquelas pessoas que quando entra, ‘enche a sala’ com a sua energia e boa disposição. Dos quase 40 anos de docência no Montijo, guarda amizades com alunos/as que perduram até hoje. Aos 66 anos é vice-reitora da Universidade Sénior.

Filha e neta de montijenses, aqui cresceu, formou família e é aqui que se sente bem: “Gosto muito do meu Montijo. Para mim é a cidade mais bonita que existe”. É desta terra que também guarda as memórias de infância “ingênua e simples”, recheada de “Momentos felizes de brincadeira na rua com amigos que ainda hoje mantenho. Era muito alegre, gostava de correr e saltar e andar por cima dos muros (risos)”.

Lídia foi criada pelos avós, “Com todo o amor e carinho, e emociona-se ao falar do seu avô, “O Tio Cristiano do Pão”, como era conhecido: “Te-

“Posso dizer que ensinar sempre me enriqueceu. Em quase 40 anos de serviço, tive de “tudo um pouco” alunos/as muito bons e poucos muito maus, mas em cada um deixei um bocadinho de mim e de cada um, colhi um pouco que ajudou a moldar a mulher que hoje sou”.

nho memórias fantásticas do meu avô. Naquela altura havia muita fome no Montijo e ele todos os dias ia com o carrinho, cheio de pão, vender fiado porta a porta. Ao final da semana, uns pagavam, outros não. Ele ‘vendava’ o pão. Poderia ter sido um homem rico, mas preferiu ser rico em amizades. Era muito generoso”, conta.

Tal como o avô, também tem um coração grande e nobre, que não deixa ninguém indiferente. Prova disso são as fortes relações de amizade que foi criando, ao longo dos anos, com os seus educandos/as.

“Quando me perguntavam o que eu queria ser quando fosse grande, respondia sempre: professora”. Assim foi. Tinha apenas 20 anos, quando no dia 2 de janeiro de 1975, começou a dar aulas de Caligrafia, Datilografia e Técnicas de Secretariado, na Escola Industrial e Comercial do Montijo (hoje Escola Secundária Jorge Peixinho). “Eram Cursos Comerciais de onde as pessoas saíam prontas para o mercado de trabalho. Formávamos bons técnicos e profissionais”, explica.

Enquanto docente, revela que ensinou muito, mas também aprendeu bastante: “Aprende-se com os

bons e com os maus estudantes, porque existem ‘saberes’ diferentes, uns não têm a experiência de vida dos outros. Posso dizer que ensinar sempre me enriqueceu. Em quase 40 anos de serviço, tive de “tudo um pouco”, alunas e alunos muito bons e poucos muito maus, mas em cada uma dessas pessoas deixei um bocadinho de mim e de cada uma colhi um pouco, que ajudou a moldar a mulher que hoje sou”.

Lecionar no estabelecimento Prisional do Montijo foi uma experiência que lhe fez “dar mais valor às coisas simples que nos rodeiam no dia a dia e às quais somos tantas vezes indiferentes porque não estamos privados delas”. Às vezes, mais do que uma professora, era uma confidente, confessa: “Pode haver amizade e confiança numa sala de aula, desde que nunca se pise a chamada linha imaginária de respeito e responsabilidade. No final de cada ano letivo, quando deixava de ser ‘a professora’ ficava quase sempre ‘a amiga’”.

Mas Lídia não se ficou por aqui, abraçando outros tantos desafios, como a “Coisas da Dondoca Maria”, uma marca portuguesa de bijuteria que demonstra mais um dos talentos desta mulher dos sete ofícios: “O negócio nasceu, por brincadeira. Comecei por fazer umas medalhas e umas prendas para dar às amigas. A minha filha incentivou-me a criar uma página no Facebook para divulgar o meu trabalho, fui evoluindo e registei a marca”. A dança é outra das paixões desta verdadeira artesã, especialmente o flamenco. “Tudo começou quando, há mais de 20 anos, fui assistir a uma aula, desde então nunca mais parei. É algo que me fascina, a roupa, a música, a cor, a alegria, a sedução e tudo o que envolve a dança.”

A nossa entrevistada é também uma entusiasta da fotografia, tendo exposto já por duas vezes. A fotografia foi um gosto que adquiriu nas muitas viagens que realizou. Lídia já andou pelos quatro cantos do mundo, conhecendo lugares tão díspares como o Vietname, Laos, Camboja, Brasil, Rússia, China, Japão, Egito, Tailândia, Índia, Argentina e Alasca e admite não ter preferências: “Não posso escolher locais favoritos por onde andei, porque cada local é diferente e cada cultura tem o seu fascínio.”

A 26 de novembro do ano passado, Lídia Ramalho integrou a nova equipa reitoral da Universidade Sénior do Montijo, para o biénio 2020-2022 onde, há alguns anos, começou a lecionar e passou também a frequentar como aluna. “Aceitei na sequência de um convite do reitor Francisco Santos, pessoa por quem tenho uma enorme estima e admiração e de quem sou amiga há muitos anos. Francisco Santos, é um ser humano extraordinário”.



Apesar da pandemia, a entusiasta montijense, afirma que não baixa os braços: “Não podemos fazer as coisas da mesma forma, mas fazemos de outra maneira, não precisamos de ficar parados, por isso criei um blog da Universidade Sénior - sousenioraldeano.blogspot.com - um espaço virtual com o objetivo de manter e reforçar o elo de ligação entre cada um e a Universidade, onde todo/as que fazem ou fizeram parte da Universidade podem partilhar trabalhos seus de artesanato, escultura, pintura, escrita narrativa, poesia, vídeo e fotografia”.

Se há algo que os tempos desafiantes que vivemos retiraram a Lídia Ramalho, decerto não foi a sua alegria e motivação, embora reconheça que sente falta “das pequenas coisas, tão simples, como os afetos, o poder estar com os amigos/as”. Nada que a impeça de continuar a marcar a diferença nos mais diversos quadrantes, somando novas conquistas ao seu já vasto palmarés. Uma imparável força da natureza, assim é Lídia Ramalho.

PATRIMÓNIO

Projeto SAND recebe apoio financeiro e continua até final do ano

A Câmara Municipal do Montijo reforçou a parceria com a Universidade de Coimbra e com os investigadores do projeto SAND - Sarilhos Grandes Entre Dois Mundos com o intuito de valorizar a história local e a identidade da freguesia de Sarilhos Grandes. A adenda agora aprovada prevê a extensão do prazo protocolado até ao final do ano e um apoio financeiro no valor de 30.444,11€.

Recorde-se que a primeira adenda ao protocolo foi celebrada em fevereiro de 2020 e prendeu-se com a reformulação das datas e a reprogramação dos trabalhos. A segunda adenda, a 10 de julho esteve diretamente relacionada com as condicionantes impostas pela pandemia, que obrigaram à alteração das datas do Campo Escola de arqueologia e antropologia que incidiu no interior da Ermida de Nossa



Senhora da Piedade e na necrópole medieval/moderna da Igreja de S. Jorge. Os trabalhos de escavação arqueológica têm decorrido, embora afetados pela pandemia COVID-19, e recolheram um volume superior ao previsto de vestígios osteológicos humanos, na Ermida de Nossa Senhora da Piedade, Panteão da família Cotrim, e na Igreja São Jorge, em Sarilhos Grandes.

O projeto decorrerá até final do ano com a conclusão do estudo arqueológico junto da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) e com as análises laboratoriais do espólio, designadamente análises bioquímicas e de isótopos dos dentes preservados e dos palio parasitas achados na cavidade abdominal.

EDUCAÇÃO

Município aluga módulos para a EB D. Pedro Varela

Os pavilhões de madeira da EB D. Pedro Varela, encontram-se num estado avançado de degradação e para colmatar esta situação, a câmara municipal aprovou a assunção de compromisso plurianual relativo à celebração do contrato de aluguer de módulos para a escola.

O contrato de aluguer de módulos climatizados para a EB D. Pedro Varela, pelo período de 24 meses, corresponde a um valor estimado de 435.882,97€ e, devido ao valor de abertura do procedimento, carece de autorização da Assembleia Municipal.

O desgaste dos pavilhões deve-se ao elevado número de anos dos mesmos, pondo em causa o

conforto térmico e acústico dos alunos e docentes, e inclusivamente a sua própria segurança.

Estes novos elementos são essenciais para o bom funcionamento do serviço a prestar, pelo período necessário, até à conclusão da empreitada definitiva da construção de salas de aula em betão armado, garantindo o conforto térmico, acústico e a segurança necessária.

Desde que a EB D. Pedro Varela foi assumida como responsabilidade municipal por via do processo de descentralização de competências da administração central já foram remodeladas todas as áreas de alimentação dos alunos, incluindo cozinha, refeitório e bar de alunos.

JUVENTUDE

Semana da Juventude regressa em maio

O Gabinete da Juventude, da Câmara Municipal do Montijo, encontra-se a organizar a Semana da Juventude que se irá realizar de 21 a 30 de maio de 2021.

Este ano a Semana da Juventude vai contar com iniciativas on-line e presenciais como: Mostra de Oferta Educativa e Formativa, Webinars, conferências, concertos, realização de um Mural de Arte Urbana, eventos em streaming, Drive In, entre outras surpresas!

A Semana da Juventude é uma atividade anual, promovida pelo Gabinete da Juventude, com o objetivo de apoiar e estimular a participação e a intervenção dos jovens munícipes no concelho do Montijo. Para a sua dinamização são parte integrante e fulcral, todos aqueles que se inscrevem e participam ativamente na realização das atividades que compõem a programação da Semana da Juventude, nomeadamente, associações de estudantes associações e estruturas juvenis, grupos informais de jovens, jovens com atividade individual (artistas, criativos), entre outros.

Pelo quarto ano consecutivo, o Gabinete da Juventude lançou o Concurso Linha Gráfica “A Tua Ideia, A Nossa Imagem” com vista à criação do melhor cartaz da Semana da Juventude 2021. O trabalho vencedor deste ano é da autoria de Marcos Lopes e será utilizado em todos

os materiais de comunicação desta iniciativa. O programa da Semana da Juventude estará, em breve, disponível no site da autarquia, no instagram e no facebook do Gabinete da Juventude.





COMEMORAÇÕES

Montijo comemora 25 de Abril

A Câmara Municipal do Montijo assinalou o 47.º Aniversário do 25 de Abril com três iniciativas: o concerto com Vitorino no Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida, a inauguração da escultura pública "Monumento à Liberdade" e a sessão comemorativa, transmitida no Facebook da autarquia, com as intervenções do presidente da Câmara Municipal do Montijo, Nuno Canta, da presidente da Assembleia Municipal, Catarina Marcelino e dos representantes dos partidos políticos com assento na Assembleia Municipal.

As comemorações iniciaram-se com o espetáculo de Vitorino, no Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida. No espetáculo comemorativo, o cantor fez uma viagem pelas suas canções mais marcantes como "Menina estás à janela" ou "Queda do Império". Vitorino interpretou também canções do grande mestre da música contemporânea portuguesa, Zeca Afonso.

A manhã do dia 25 de abril iniciou-se com a inauguração da escultura pública "Monumento à Liberdade", da autoria do artista Pedro Moreno Ramos, na Praça da Liberdade, nas Colinas do Oriente.

O presidente da Câmara Municipal do Montijo, Nuno Canta, destacou que "a estátua de homenagem à liberdade é, para o povo montijense, a mais sólida garantia que o espírito do 25 de Abril está vivo e continua a transportar as aspirações de progresso e modernidade do nosso povo".

O autarca felicitou o autor da peça, Pedro Moreno Ramos, "pelo seu contributo para as artes e para o ideário do 25 de Abril" realçando que o Monumento à Liberdade honra "todos aqueles que lutam pela Liberdade, Fraternidade e Igualdade entre os Homens".

Na sessão comemorativa, transmitida no Face-

book da autarquia, o presidente da câmara salientou que o "25 de Abril também nos deu o poder democrático local, a eleição livre e local dos representantes das populações, em cada freguesia, em cada município.". O autarca defendeu que "é consensual que o poder local democrático deu resposta aos problemas e aspirações dos cidadãos" e que "temos hoje uma autarquia mais alinhada com o sentir dos montijenses e um concelho mais consciente das suas verdadeiras oportunidades. Somos, hoje, um município preparado para novos desafios pelo investimento e pelo emprego."

A presidente da assembleia, começou por agradecer "àqueles que estiveram e estão na linha da frente: ao setor da saúde, ao setor social, à Proteção Civil, aos trabalhadores do município, muito em particular à higiene urbana e aos trabalhadores das águas e saneamento, às juntas de freguesia e aos seus trabalhadores e ao nosso tecido empresarial. Aos patrões e trabalhadores porque têm sido resilientes, têm tido capacidade de inovação e resistência para manter o emprego e economia a funcionar."

Na sua intervenção Catarina Marcelino realçou que o 47.º aniversário do 25 de Abril congrega "aquilo que é pensarmos e concentrarmo-nos no futuro. No futuro depois da pandemia, no futuro das novas gerações, no futuro do nosso concelho, no futuro da nossa comunidade."

A sessão contou, ainda, com as intervenções dos representantes dos partidos políticos com assento na Assembleia Municipal, nomeadamente, António Loureiro (CDS-PP), Ricardo Caçoila (BE), Mara Cacheirinha (PSD), Ana Baliza (PCP), e Emanuel Martins (PS).

ESPAÇO PÚBLICO

Montijo e Afonsoeiro vão ter parques caninos

Os parques caninos vão localizar-se na zona do Bairro do Saldanha e na Praça dos Descobrimentos, na zona do Afonsoeiro/Alto das Vinhas Grandes.

Para a construção destes parques a Câmara Municipal do Montijo aprovou a atribuição do montante de 75.270,56€ à União das Freguesias do Montijo e Afonsoeiro.

A pensar no bem-estar animal, estes equipamentos, permitem a interação responsável entre pessoas e animais, num espaço público, vedado e ao ar livre.

A União das Freguesias do Montijo e Afonsoeiro vai assegurar a manutenção destes parques que vão contar com obstáculos para a realização de atividades lúdicas, aprendizagem e obediência, zonas para saciar a sede, pontos de água para higienização, casas de banho para cães, pontos de recolha de dejetos e zonas sombreadas.

É pretensão da autarquia e da União das freguesias que estes espaços possam, por um lado, oferecer à população que tem animais de companhia, em particular cães, um espaço próprio para o lazer dos seus animais e, por outro lado, minimizar o impacto negativo de situações que se verificam, como a proliferação de dejetos caninos em espaços públicos.

HIGIENE URBANA

Resíduos Sólidos Urbanos

Para o município do Montijo o serviço de recolha e transporte de resíduos sólidos urbanos tem caráter prioritário de modo a evitar o incómodo e/ou perigo de insalubridade para munícipes e tem de ser efetuado com a periodicidade adequada.

Nesse sentido a Câmara Municipal do Montijo aprovou a autorização prévia para assunção de compromisso plurianual, relativo à celebração do contrato "Aquisição de serviço de recolha e transporte de RSU, manutenção e lavagem de contentores nas freguesias da zona este do concelho de Montijo".

A proposta foi aprovada, na reunião de câmara de 14 de abril, por maioria, com votos favoráveis do PS e do PSD e votos contra da CDU. A celebração do contrato, pelo período de dois anos, tem um valor estimado de 428.040€, e carece, agora, de aprovação por parte da Assembleia Municipal.

ARBORIZAÇÃO

Árvores valorizam espaço urbano

No âmbito do plano de arborização do Bairro do Moinho de Vento, foram plantados pinheiros mansos, no relvado entre a Urbanização do Moinho e a fábrica Izidoro e transplantadas oliveiras centenárias nos jardins do bairro.

O objetivo desta ação é a criação de espaço sombra e de uma maior presença de elementos vegetais no espaço urbano e de, com eles, amenizar o clima, melhorar a qualidade do ar e aumentar a infiltração das águas.

Os pinheiros mansos irão constituir também uma barreira entre a área industrial e o loteamento habitacional do Moinho.

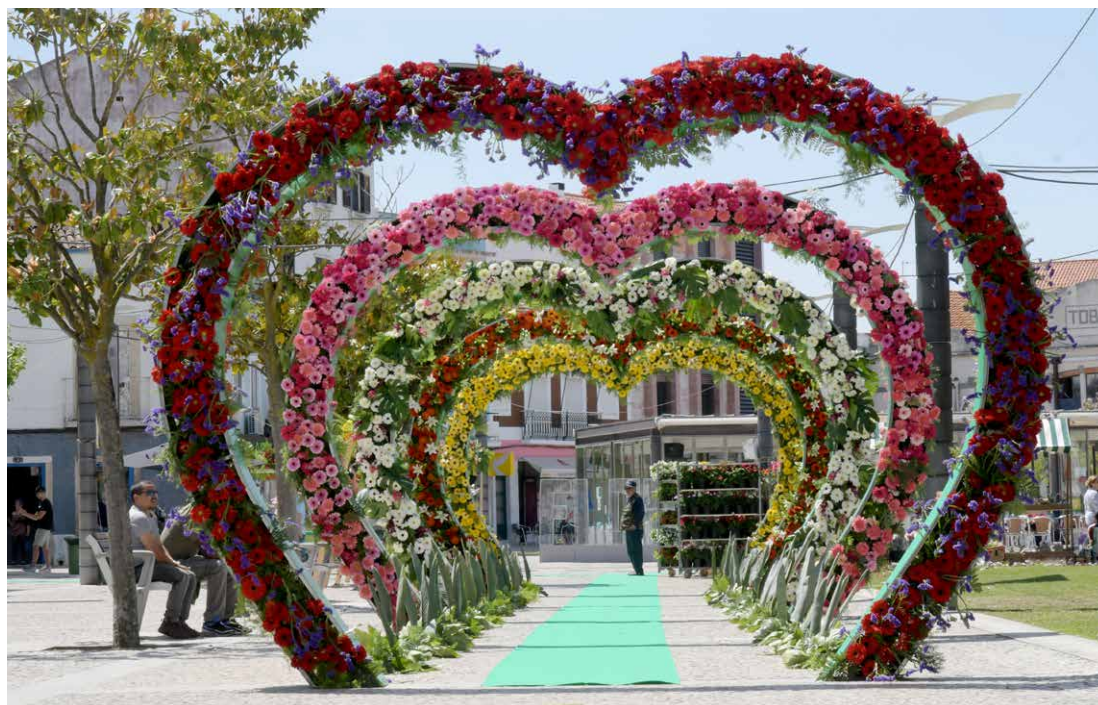


SOLIDARIEDADE

Centro de Ação Social e Cultural das Faias

O Centro de Ação Social e Cultural das Faias vai substituir portas e janelas, realizar pequenas reparações e pintar as salas, no edifício onde funciona a sua creche e jardim de infância. Para auxiliar a instituição a Câmara Municipal do Montijo aprovou a atribuição de um apoio financeiro, no montante de 12.860€. O Centro tem vivido tempos especialmente difíceis em matéria de gestão financeira e encontra-se instalado num edifício com mais de 60 anos de idade construtiva, pelo que tem vindo a requerer intervenções de conservação e adaptação, de forma a melhorar a qualidade e a segurança das instalações e o bem-estar de todos os utentes da mesma.

A instituição desenvolve uma importante ação de solidariedade social no apoio a crianças e jovens e às respetivas famílias, bem como na sua integração social e comunitária.



Montijo Lugar de Encontros

O desconfinamento está a acontecer lentamente e o Montijo Lugar de Encontros, volta a marcar presença na programação cultural da nossa cidade.

À semelhança de anos anteriores, a Festa da Flor marca o início da programação do Montijo Lugar de Encontros.

A Festa da Flor, será dedicada ao Amor. Os corações em flor, os bancos de jardim e o coreto Municipal, são os principais elementos que fazem parte integrante desta decoração floral. A Rua Almirante Cândido dos Reis, volta a receber uma estrutura aérea, este ano, com fitas coloridas, que irão trazer ao coração da baixa uma nova vida.

A programação do Montijo Lugar de Encontros, será totalmente dedicada aos Mercados de Verão, com o objetivo de estimular a economia local e dar a conhecer aos munícipes e aos visitantes aquilo que o Montijo tem para oferecer.

O Jardim Municipal da Casa Mora, paredes meias com o Posto de Turismo e o Museu Municipal, num ambiente único, que caracteriza este jardim, irá receber os Mercados de Verão, dedicados a diferentes temáticas.

Tome nota para não se esquecer!

De 28 a 30 de maio, o Mercado de Flores e Acessórios de Decoração Floral, será o primeiro a abrir a calendarização dos nossos Mercados.

Integrado na Festa da Flor, que decorre em simultâneo na Cidade, este Mercado irá abrir as suas portas e mostrar – as flores, não fosse o Montijo a Capital da Flor.

Aqui irá encontrar os nossos produtores de flores e plantas, entre tantas outras coisas dedicadas à arte floral.

Durante os fins de semana do mês de junho, os Mercados de Verão, serão variados.

No fim de semana de 4 a 6, surpreenda-se com o Mercado de Turismo. Fique a par da oferta turística existente no nosso concelho, desde alojamentos, hotéis, gastronomia e vinhos, e aproveite a oportunidade para marcar uma escapadinha de fim de semana no nosso concelho.

Os Produtos Regionais e o Artesanato Local, estarão presentes, no fim-de-semana, de 11 a 13. Por aqui irão passar as deliciosas compotas, e uma doçaria diversificada. O artesanato local, desde os vidros, ao ferro, e passando pelos tecidos, irão mostrar a arte dos nossos artesãos.

O mercado O Comercio Mora Aqui irá marcar presença, no fim de semana, de 18 a 20, e trazer para o jardim, as lojas mais carismáticas da cidade. Irá encontrar as melhores marcas existentes no Montijo, desde vestuário, sapatos, acessórios, entre outros produtos de qualidade.

O encerramento dos Mercados de Verão, será dedicado a São Pedro. Apesar das restrições que ainda estamos obrigados a cumprir, iremos durante os dias 26 a 27 de junho, Recordar São Pedro. A alegria dos montijenses que, orgulhosamente, enchem as ruas da cidade para comemorar São Pedro, não irão ficar defraudados com a homenagem que lhe iremos dedicar.

Visite os nossos mercados de verão!

Neste contexto de pandemia, a Câmara Municipal do Montijo solicita a colaboração de todos os visitantes na adoção de comportamento social responsável, cumprindo de forma exemplar as medidas gerais recomendadas pela Direção Geral da Saúde designadamente: o uso de etiqueta respiratória, a higienização frequente das mãos, o distanciamento social aconselhado e a utilização de máscara.

Para além da diferença

Xenofobia, racismo, preconceito, atos discriminatórios para com a deficiência, etnia, identidade de género, nacionalidade, orientação sexual, desigualdade salarial e condição social. É preciso desconstruir estigmas e preconceitos e reeducar para que a Igualdade seja uma realidade em todos os seus quadrantes. A mudança começa em cada um de nós. É necessário reconhecer os nossos comportamentos e atitudes preconceituosas e assumir o compromisso de os alterar.

Ao longo dos anos, a Câmara Municipal do Montijo orgulha-se de ter trilhado o seu percurso promovendo políticas públicas para a Igualdade e Cidadania.

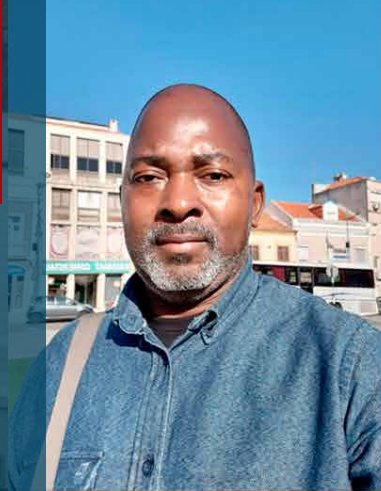
O Plano de Ação Local para a Igualdade e Cidadania contempla políticas sociais de prevenção e combate em vários domínios, como: violência, educação e juventude, urbanismo, mobilidade e segurança, cidadania e participação, mercado de trabalho, entre outras.

Neste âmbito, o Montijo Hoje apresenta o especial "Igualdade". Porque todos os seres humanos, são livres de desenvolver as suas aptidões pessoais, de prosseguir as suas carreiras profissionais e de fazer as suas escolhas sem limitações impostas por estereótipos, preconceitos e conceções rígidas dos papéis sociais atribuídos a homens e a mulheres.

Os textos assinados por Marina Birrento e Miguel Nascimento comprovam que as políticas públicas assumidas pelo município estão adaptadas aos novos desafios que a sociedade enfrenta no caminho pela igualdade.

Neste especial conheça a história de mulheres fortes e determinadas e homens resilientes e lutadores que nos dão uma lição de vida.

Porque afinal, só é preciso ver para além da diferença!





ANTÓNIO GASPAR

A igualdade é uma matéria transversal a todas as disciplinas

No Agrupamento de Escolas do Montijo, no 1.º ciclo do ensino básico, existem quatro professores do sexo masculino e 66 docentes do sexo feminino. António Gaspar é o único homem professor na Escola Básica Joaquim de Almeida. Exercer uma profissão maioritariamente desempenhada por mulheres nunca o incomodou, nem lhe trouxe qualquer dificuldade. Confessa adorar o que faz e considera “a Igualdade, nas suas mais variadas dimensões, uma matéria transversal a todas as disciplinas”.

Dar aulas ao 1.º ciclo não foi a escolha inicial, todavia acabou por ser a opção certa para António Gaspar, surpreendendo até o próprio: “Concorri para professor de 1.º ciclo, na Escola Superior de Educação de Castelo Branco, porque tinha frequentado a área de humanísticas, no entanto, o que gostava mesmo era de desporto e sabia que tinha a possibilidade de mudar de curso, o que acabou por acontecer”.

Deu aulas de Educação Física durante alguns anos, porém as constantes colocações em diversos pontos do país, trouxeram-no de volta ao 1.º ciclo onde encontrou mais estabilidade profissional: “A primeira experiência que tive foi com uma turma

de primeiro ano, que é sempre mais desafiante, com alunos recém-chegados das ex-colónias. Estava apavorado, mas tive o apoio, fundamental, das minhas colegas e acabou por correr bem. Depois fui-me adaptando e comecei a gostar cada vez mais. Hoje adoro o que faço!”.

Pode-se dizer que foi um amor tardio para este professor que acabou por se render aos primeiros quatro anos de ensino “Nesta fase nota-se um desenvolvimento extraordinário nas crianças, principalmente no primeiro ano. É gratificante fazer parte desse processo”.

Desde há 11 anos que dá aulas no Montijo, passando por várias escolas. A experiência ensinou-lhe que, independentemente de ser homem ou mulher, o mais importante “é a empatia que se cria com os alunos” sendo notório o afeto das suas pupilas e dos seus pupilos. “Gostam de mim como sou, não sou outra pessoa com eles. Sou verdadeiro e eles detetam isso. As crianças são perspicazes e sinceras. Se gostam mostram, se não gostam também não o escondem”.

No universo infantil em que leciona denota que a questão de género não é premente “Nestas idades para eles são todos iguais. Rapazes e raparigas não

importa, os preconceitos aparecem mais tarde”, explica o professor.

Já no que diz respeito às desigualdades sociais, o didata lamenta: “Os mais desfavorecidos são sempre os mais prejudicados. A questão da COVID-19 veio apenas realçar o que já existia. No caso das alunas e dos alunos, os que não tinham computadores ou que não tinham condições para acompanhar as aulas em casa, por falta de espaço próprio, por exemplo, foram muito prejudicados. Contudo vamos tentar recuperá-los”.

Direitos humanos, igualdade de género, interculturalidade, desenvolvimento sustentável, educação ambiental e saúde são assuntos que fazem parte do programa da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento. Não obstante, António Gaspar, ciente da sua importância para a formação pessoal dos seus aprendizes, aborda-os nas restantes unidades curriculares “Há sempre uma razão para podermos falar destes temas, independentemente das disciplinas, mas depende muito da perceção de cada docente. Não basta constar do programa de ensino, tem de vir de dentro de nós. É preciso sentirmos as aprendizagens que passamos aos alunos”, conclui o professor.

JOANA CRISTOVÃO

A necessidade aguça o engenho

Se um dia parar o seu carro, porque o pneu frou ou rebentou e solicitar assistência é possível que seja a Joana Cristovão que venha ao seu encontro para o substituir. O engenho nasceu, por sua iniciativa, da necessidade de conhecer e saber mais acerca do serviço que a empresa onde exerce funções, a Furo pneu, presta ao consumidor.

Joana Cristovão tem 28 anos e há oito que está na empresa: “Inicialmente, comecei no escritório, onde ainda hoje exerço as minhas principais funções: atendimento ao público, recursos humanos e gestão. “Queria estar a par de tudo e fazer todas as funções até que chegou o dia em que senti necessidade de perceber mais o que se passava do lado de fora”.

Do lado de fora está a oficina. Indiferente ao facto de as funções aí serem desempenhadas exclusivamente por homens, Joana estava determinada em

adquirir aquele conhecimento: “Queria saber como se processava, para evoluir na venda ao cliente final. Saber explicar e interpretar melhor como se desenvolvia todo o processo, fazendo-o”.

“Comecei por estar perto deles para vê-los trabalhar, atenta, mas meio às escondidas”, confessa Joana que, em casa, ia colocando em prática o que observava: “Cheguei a tirar as quatro rodas do carro dos meus pais. Precisava de saber se estava preparada para o fazer sozinha”.

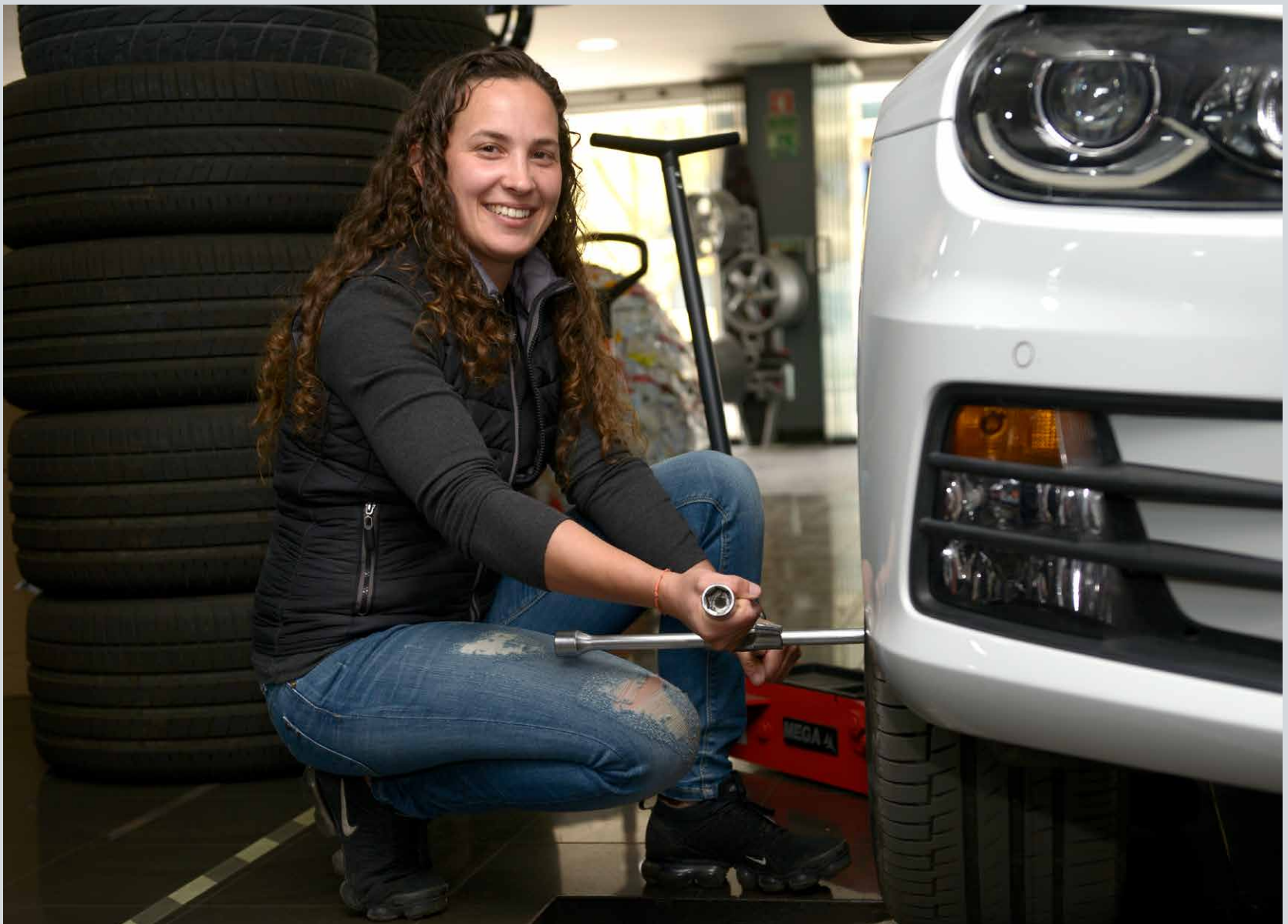
A audácia de Joana levou a que, certo dia, “quando o meu patrão e o meu colega chegaram, já tinha tirado a roda de um carro de um cliente com quem tinha confiança. A partir daí começaram a deixarem-me entrar mais no trabalho deles”.

“Atualmente, quando é preciso ir ‘tirar uma roda à estrada’, normalmente sou eu que vou. Gosto de o fazer e isso não tem problema nenhum. Acaba

por facilitar o trabalho dos meus colegas. Todos os carros são diferentes e por mais que vejamos, nada é igual ao saber fazer”, sublinha.

Para a nossa entrevistada, ser “do sexo oposto aos que, maioritariamente, exercem este tipo de profissões, não nos impede que sejamos tão ou mais aptos para a exercer”, afirma.

Joana conta que o facto de ser uma mulher a mudar o pneu nunca lhe trouxe comentários negativos, mas antes reações de espanto e surpresa: “Já aconteceram algumas situações engraçadas. Fui ter com um cliente à estrada, quando cheguei, o senhor começou à procura, dentro do carro, de um homem, enquanto isso, comecei a tirar a roda. O senhor ficou perplexo e disse-me “Não faça isso menina. Não veio com ninguém?”. Disse-lhe para ficar tranquilo que ia tudo correr bem. E correu!”





IAN LIRA

Quando o sonho comanda a vida

Ian Lira é um adolescente de 17 anos, frequenta o Serviço Sócio-Educativo da Cercima, no grupo de despiste e orientação vocacional e sonha ser treinador de futebol. Considera-se um rapaz otimista, espontâneo, engraçado e determinado. Tem paralisia cerebral que lhe limita a marcha, a locomoção e a motricidade física, mas não a cognição, os sentimentos ou os sonhos! É preciso pôr a diferença e o preconceito de lado e ver para além da cadeira de rodas. Ian é o exemplo perfeito de que determinação e vontade são os únicos requisitos para superar qualquer obstáculo!

O núcleo familiar de Ian (o pai Anderson Lira, a mãe Michele Lira e a irmã Sofia) chegou a Portugal há dois anos para acompanhar o progenitor numa oportunidade profissional. “Foi uma movimentação divina. Estávamos resistentes, não tínhamos planos para sair do Brasil. Hoje é ao contrário, não queremos sair de Portugal”, conta o pai. Do Brasil Ian traz algumas histórias dolorosas. “No Brasil sempre frequentei o ensino regular, onde a inclusão quase não existe. Eu sofria muito bullying e as professoras não faziam nada”, conta Ian sem esconder a mágoa que as memórias lhe trazem.

No Montijo, começou por frequentar a Escola D. Pedro Varela, “fui-me adaptando à escola e consegui fazer muitos amigos que me apoiaram. Quando estava triste eles percebiam e davam-me força e quando percebiam que estava feliz vinham brincar comigo. Tinha colegas de escola brasileiros, angolanos e de outras nacionalidades

e consegui ‘driblar’ isso de uma maneira positiva e fazer amizades com os portugueses e com os estrangeiros”.

Entretanto surgiu a proposta de frequentar a Cercima: “como sempre frequentei a escola regular fiquei com um pouco de preconceito de vir. Mas desde que aqui estou é ótimo. Em pouco tempo fiz amizades. Sou alegre, feliz, gosto de estar no país e na Cercima. Está a ajudar-me a formar-me não só na minha carreira profissional, mas também como homem. Eu gosto de ser cobrado para dar mais e esforçar-me mais na área que eu amo, que é o desporto, o futebol”, afirma o adolescente.

“O meu objetivo aqui é sair daqui com contrato de técnico de futebol e ser treinador da Seleção brasileira. Coloquei isso na minha cabeça e quando coloco um objetivo na minha cabeça vou lá e consigo cumprir. Sou otimista e focado” acrescenta.

Na Cercima, para além das disciplinas curriculares, Ian frequenta diversas terapias como psicologia, fisioterapia, terapia ocupacional (onde evidenciam tarefas da vida diária, cozinha, arrumação ou organização da casa) e integra o grupo de dança “Movimento DansasAparte”. Nos tempos livres, gosta de jogos de computador e está a tentar dinamizar um canal do Youtube com o pai.

Michele desabafa que no início ficou apreensiva com a mudança para a Cercima “tinha medo de o atrasar, mas afinal foi uma coisa maravilhosa. É a escola que sempre sonhei para o Ian. Se eu

soubesse, tínhamos vindo mais cedo e o Ian tinha estudado sempre aqui”.

A evolução de Ian é evidente, asseguram os pais. Anderson considera que a educação que encontraram em Portugal foi fundamental, “a abordagem em Portugal é bem melhor. No agrupamento ele tinha escola regular, tinha convívio com alunos da escola regular, frequentava até algumas aulas, mas depois todo o acompanhamento educacional era feito à parte com profissionais preparados e com uma educação adequada. O Ian veio para Portugal sem ser alfabetizado e em seis meses sabia ler e escrever”.

“O maior desafio tem sido a calçada portuguesa que é muito má, muito irregular, e muitas vezes temos que recorrer à estrada para conseguir um piso mais regular” confessa o pai que garante que esse é apenas um obstáculo que não os desalenta “somos uma família feliz aqui e nenhum de nós quer regressar ao seu país.”

Se dúvidas houvesse da importância do amor e da união, Ian deixa-nos uma lição: “Tenho um plano de vida profissional traçado, mas tirando isso já consegui tudo o que queria! Tenho a minha família a meu lado e muito amor!”.

Balcão de Inclusão

Terças-feiras 9h00-12h30 e das 14h00-17h30

Rua José Joaquim Marques n.º 124 Montijo

Marcação prévia: 212327739

ddsps@mun-montijo.pt

FREDERICA FRANCO

De olhos postos no céu

ATenente Piloto Aviador Frederica Franco é uma das quatro mulheres piloto da Força Aérea Portuguesa e a única que, no momento, tem funções de voo. Está colocada na Base Aérea N.º 6, no Montijo, desde 2018 e integra a esquadra 502, que é, uma das Esquadras ativas mais antigas em Portugal. A esquadra, capacitada com aeronaves EADS C-295M, realiza missões de Transporte Aéreo-geral, Transporte Aéreo-tático, Apoio Logístico, Vigilância Marítima, Busca e Salvamento, Evacuações Aero-médicas, Transporte de Órgãos, Lançamentos de Tropas Aerotransportadas, Lançamento de carga aérea e Transporte de Altas Entidades.

Frederica Franco é natural dos Açores, da Ilha terceira, é a mais nova de três irmãos e cresceu com os olhos postos no céu: “O meu tio foi piloto aviador, o meu pai também foi piloto em Angola, e com a base da Força Aérea na ilha foi uma realidade sempre muito presente”.

Apesar desta proximidade nunca pensou ser militar. Veio morar para o continente quando frequentava o 12º ano e o tio, que na altura estava na Força Aérea, foi alimentando a vontade: “ele começou a espicaçar-me, para eu experimentar, que tinha perfil para militar e como, realmente, na aviação todos os dias são diferentes, o que é bastante desafiante, fiquei com o ‘bichinho’ e comecei a perceber que se calhar era a vida que eu queria.” Recorda, com graça, que se inscreveu na Academia da Força Aérea, no mestrado de Aeronáutica Militares, aos 17 anos e que, na altura, a mãe teve de assinar a autorização para que esta pudesse concorrer. Admite que, nos primeiros anos, foi bastante difícil conciliar a vida militar e a vida pessoal. Os amigos foram, talvez, os mais afetados, “quando entramos na Academia estamos fechados, de segunda a sexta-feira, e aos fins de semana estava tão cansada que só queria dormir”.

Dos tempos da Academia recorda a aventura que foi ser uma das duas mulheres no curso de piloto “Ser mulher num mundo quase exclusivamente de homens é bastante desafiante mas sinto que não tenho de provar nada. Faço o meu trabalho, tento ser o melhor que posso, e sou avaliada pelas minhas capacidades e competências”.

Considera que, ser mulher, na sua função não é um fator determinante e nunca se sentiu discriminada. Não sente qualquer diferença e assegura que é aceite como igual: “sou um deles, somos uma equipa, uma família”.

A realidade mostra que não há barreiras à ingresso de mulheres nas fileiras. No curso de Frederica no total de 30 alunos, nove eram mulheres. Na especialidade de Piloto Aviador estes números também estão prestes a alterar uma vez que nos cursos que agora frequentam a Academia da Força Aérea quase todos têm alunas mulheres.

Desempenha funções de oficial de segurança de

voo da Esquadra e controla tudo o que sejam ocorrências relacionadas com o voo e com a segurança do avião “Trato dos processos de investigação de ocorrências e de recomendações. Tudo o que envolve a segurança de voo na esquadra.” Aliado a estas funções integra uma tripulação de quatro elementos (piloto, copiloto e dois operadores de cabina) onde é a copiloto.

“Fazemos alertas de 24 horas no Montijo e vamos destacados, conforme as escalas, para os Açores ou para Porto Santo. Nos Açores grande parte do nosso trabalho são as evacuações, pois, nas nove ilhas, só há três hospitais. Fazemos o transporte entre os centros de saúde e os hospitais.” explica a Tenente confessando que este é o trabalho mais gratificante “sinto que sou útil e que estou a ajudar alguém. Como sou açoriana sinto que estou, de certa forma, a retribuir aquilo que a Força Aérea faz e fez pelos ilhéus ao longo do tempo”.

Frederica é fascinada pela dinâmica da profissão e pela imprevisibilidade e incerteza do que vai encontrar em cada dia de trabalho. Um facto que faz com que nem sempre consiga estar presente para a família e amigos: “Conciliar a vida profissional com a pessoal é uma agitação. O meu namorado também é militar, é piloto e está colocado em Monte Real. Ele percebe a minha realidade e eu a dele. A minha família e amigos já sabem que se não estou presente é porque não posso mesmo.”

A piloto conta que já aconteceu estar com a família ou com os sobrinhos e ter de sair para responder a um alerta, mas até os mais pequenos compreendem e têm o maior orgulho na tia “sempre que veem aviões apontam e dizem que é o meu avião”. Uma situação caricata que relembra é ter faltado ao seu próprio jantar de aniversário. Os amigos compensaram e resolveram a sua ausência ao enviar uma série de fotos com montagens da sua cara, tornando-a presente na celebração.

Sonha ser mãe e, apesar da apreensão da família pela sua intensa carreira militar, acredita que há tempo para tudo e é possível conciliar os dois mundos. “Vamos tentar encontrar uma altura que seja menos prejudicial para as carreiras. Eles vão

ser filhos de dois militares. Vejo pelos meus camaradas que têm filhos e percebo que não é fácil. É essencial o apoio da família e até a compra de casa já foi decidida de forma estratégica perto de avós e tios”.

A nível profissional tem como objetivo continuar a progredir na carreira e chegar à cadeira no outro



lado do cockpit, ou seja, ser piloto comandante. “Esse é o objetivo principal. Para além de querer chegar a Comandante não faço grandes planos.”

No momento que lê esta entrevista, Frederica está a 2500km de casa onde integra o contingente da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização do Mali. Boa sorte Tenente e que corra tudo bem!

ESTETICISTA

John Feitosa - Um Ás da Estética

Conhecemos o estúdio John Feitosa- Estética Avançada na semana da sua inauguração, bem no centro do Montijo, na Rua Almirante Cândido dos Reis n.º 94.

John chegou a Portugal há dois anos e meio para investir e ser reconhecido como profissional, depois de oito anos de experiência no Brasil.

Quer quebrar alguns tabus e mostrar que nem todos os brasileiros são iguais e que a maioria é honesta e só quer vencer na vida e ajudar a família. Vê em cada mulher uma rainha. “Adoro uma mulher educada, alegre, cheirosa e bonita. Sempre gostei muito do corpo, amo me cuidar e amo ver as pessoas cuidadas, corpos cuidados.”

Defende que “não há ninguém feio, mas sim triste, e há coisas que pode não gostar e melhorar. E não há nada mais gratificante do que uma pessoa que está insatisfeita e me pede ajuda e ao fim de uns meses está super satisfeita com o meu trabalho”.

Tem mais de 16 cursos (tirados no Brasil e vinculados em Portugal) e especializou-se em cada um dos serviços que o seu estúdio oferece: botox, preenchimento labial, tratamento para varizes, pigmentação de sobrancelha, pigmentação de lábios (mudança de cor), massagem modeladora, unhas, sobrancelhas. “Tudo o que uma pessoa precisa de uma clínica de estética.”

Antes de chegar ao Montijo abriu uma clínica semelhante em Alcochete, mas o projeto não correu bem. “Lá não fui muito bem recebido, fui um

pouco criticado”. Lamenta que o critiquem sem conhecer a sua história. “Perdi a minha mãe muito jovem, quando eu tinha 16 anos, e desde aí, e até hoje, sou eu que me sustento.”. Confessa que há dias difíceis “Às vezes eu choro de tão cansado. Mas isso ninguém vê, o cansaço e as olheiras que eu tenho. Mas não deixo nenhuma cliente *na mão*”.

“O mais gratificante são as mensagens que recebo das minhas clientes, de satisfação, de reconhecimento, isso para mim é fundamental.”

Preocupa-se com cada cliente que o procura. “O tratamento é igual para a cliente que me deixa 10€ ou para uma cliente que me deixa 100€. Será sempre recebida com a sua água, o seu café, um chocolate, o procurar saber se está confortável. Às vezes os serviços atrasam e quero que ela beba uma água, oiça uma música, descontraia, veja o precário, veja os outros procedimentos que eu tenho e acabe por se interessar em outros serviços que eu possa fazer”.

A felicidade de John é o reconhecimento dos seus clientes. “O mais gratificante são as mensagens que recebo das minhas clientes, de satisfação, de reconhecimento, isso para mim é fundamental. Sinto

que por ser homem nesta parte estética elas sentem uma maior confiança em mim. E fico muito feliz. Tenho muitas clientes em tão pouco tempo. Portugal recebeu-me muito bem. Tenho clientes que vêm de França ou de Inglaterra para serem atendidos por mim. E isso é o mais gratificante porque em todo o lugar tem estética e escolhem-me a mim”.

Mas não pense que as clientes são todas mulheres. “Eu tenho um português, o meu treinador, e ele diz que nunca tinha coragem e comigo teve logo confiança. E tem dado indicação do meu trabalho a muita gente. Também já fiz trabalhos a um concorrente do programa Big Brother, vão reconhecendo o meu trabalho e divulgando nas suas redes sociais”. John conta que o seu nome é já uma marca “tem gente que quer ser atendida pelo John, exige ser atendida pelo John. E se não houve vaga preferem esperar”. Confessa que não têm muito do que reclamar.

Não desiste dos seus sonhos e de ajudar a sua família “Não tenho medo de nada. Já não tenho medo de arriscar. Vou fazer tudo o que puder fazer pela minha família”.

Feliz em Portugal e no Montijo, vive uma fase feliz da sua vida profissional e pessoal: “Agradeço ao meu companheiro pela força e por estar comigo em todos os momentos, estamos noivos e vamos casar em breve”.

A equipa do Montijo Hoje deseja-lhe as maiores felicidades!



A categoria social de cidadania resulta de um conjunto de direitos civis, sociais e económicos. Foi o alargamento dos direitos de cidadania que requereu, por parte dos estados e das administrações públicas, novas formas de organização por forma a garantirem o igual acesso todas. Em matéria de Igualdade, Portugal assumiu diversos compromissos perante as várias instâncias internacionais, onde destacamos aqui a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), a Convenção para a Proteção dos Direitos Humanos e das Liberdades Fundamentais (Conselho da Europa, 1953), a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (ONU, 1979), o Protocolo Opcional (ONU, 1999) e a Carta Social Europeia Revista (Conselho da Europa, 1999). Um marco para a garantia dos direitos, das meninas, raparigas e mulheres, foi a subscrição da Declaração e Plataforma de Ação de Pequim (ONU, 1995), como a adoção da transversalização (mainstreaming) de género e medias de ação positivas, a serem implementadas em todas as políticas públicas.

Estas medidas devem estar espelhadas nos programas nacionais de elaborados por cada Estado-membro, quer ao nível do governo central, quer das administrações locais (Conselho da Europa, 1998).

O Tratado de Amesterdão, em vigor desde de 1 de maio de 1999, estabelece a igualdade entre homens e mulheres como uma “missão primordial da Comunidade” definindo para o efeito, novas áreas de ação comunitária transversais a todos os domínios da política da União e dos seus Estados-Membros. Neste tratado é, também, adotada a estratégia da transversalização de género definida pelo Conselho da Europa (1998).

Não menos importante é a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, em especial o artigo 21º, que estabelece a proibição de toda e qualquer discriminação com base no sexo, raça, cor ou origem étnica, ou social, características genéticas, língua, religião ou convicções, opiniões políticas ou outras, pertença a uma minoria nacional, riqueza, nascimento, deficiência, idade ou orientação sexual.

Em 2015, Portugal subscreve os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Assim, reforça em todo o seu quadro normativo e de funcionamento a promoção da Igualdade de Género. Só através destes documentos, de referência estratégica, se garante que nos diversos programas nacionais existentes seja construída uma sociedade mais justa e igualitária.

Não podemos deixar de referir que a nossa inovadora Constituição da República Portuguesa (CRP), de 2 de Abril de 1976, estabelece a proibição do tratamento discriminatório entre pessoas e é, também, aí definida a sua promoção como uma das tarefas fundamentais do Estado, bem como, o é com o 25 de Abril de 1974, que é retirado da moldura legal, nacional, matéria profundamente discriminatória para a persecução dos direitos das mulheres.

PALPIC

O Montijo nos caminhos da igualdade e não discriminação

É conferindo especiais responsabilidades à Administração Pública, é através dos seus Planos Nacionais, Programas e Planos de Ação que, a Igualdade, é garantida na promoção das políticas públicas.

A Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (doravante CIG), organismo da Administração Central, integrado na Presidência do Conselho de Ministros, tem por missão a promoção, coordenação e monitorização da igualdade de género, incluindo o combate à violência de género/doméstica e o tráfico de seres humanos, coadjuvada pelas/os conselheiras/os, respetivos ministérios e ainda pela Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP).

Abriu-se um novo caminho de políticas publicas assentes no respeito pela liberdade e pela Igualdade que constituem valores fundamentais, que acompanham a evolução do conceito de cidadania

Ora, Portugal foi criando uma moldura legal que assegura a promoção da Igualdade, ao nível municipal, a Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro, onde se prevê concretamente na alínea q), do seu artigo 33.º (competências materiais) assegurar a integração da perspetiva de género em todos os domínios de ação do município, designadamente através da adoção de planos municipais para a igualdade.

Com a promoção dos Planos Municipais para a Igualdade de Género corporiza-se a política pública territorializada já que as estratégias específicas, neste caso, promotoras da igualdade e da não discriminação, são concebidas a partir do território, com a participação dos atores regionais ou locais. Também, em 25 de maio de 2010, foi aprovada a Resolução do Conselho de Ministros n.º 39/2010, o quadro de referência do Estatuto das/os Conselheiras/os Locais para a Igualdade. Como é sabido a Câmara Municipal do Montijo

há muito que aprofunda o seu caminho em matérias de políticas públicas para a Igualdade e Cidadania e em 2020 renovou o seu protocolo com a CIG, juntando-se agora a uma nova geração de protocolos dando assim continuidade a um compromisso firmado desde 2007. A renovação deste compromisso preconiza a garantia de que as políticas públicas estão adaptadas aos novos desafios que as sociedades que hoje enfrentam. Ainda, e na sequência deste novo compromisso, foi feita a elaboração de um novo Plano Municipal para a Igualdade, chamado de: Plano de Ação Local para a Igualdade e Cidadania, da Câmara Municipal e Montijo (doravante PALPIC).

Abriu-se um novo caminho de políticas publicas assentes no respeito pela liberdade e pela Igualdade que constituem valores fundamentais, que acompanham a evolução do conceito de cidadania, agora mais alargado e com novos desafios.

O PALPIC vem dar nota das responsabilidades assumidas para Câmara Municipal de Montijo em matéria da Igualdade entre mulheres e homens, na promoção da Igualdade de Género, para assim aumentar a capacidade de integrar cada indivíduo, garantindo a igualdade de direitos de cidadania, observado como um papel fundamental do Estado, que atua fundamentado na lei.

Para implementação desta nova estratégia foi ainda criada uma Equipa para a Igualdade na Vida Local (EIVL), que propõe, concebe, coordena, implementa, acompanha e avalia as medidas e as ações desenvolvidas, no âmbito da nova estratégia com contributo e envolvimento das diversas unidades funcionais internas da Câmara Municipal de Montijo. A nova estratégia para a Igualdade pretende não só abranger, como envolver toda a comunidade local, pois só assim se pode garantir o aprofundamento dos direitos de cidadania com a participação de todas as pessoas do Concelho do Montijo.

Marina Birrento

*Técnica Superior e Conselheira Municipal para a Igualdade da Câmara Municipal de Montijo
Divisão de Desenvolvimento Social e Promoção da Saúde*

“ALICE”

É possível quebrar o ciclo da violência doméstica

A história que passamos a apresentar não é a de Alice no País das Maravilhas, não é um romance. É uma história verídica de dor e violência, mas também de superação e sobrevivência.

“A todas as mulheres que lerem o meu testemunho peço-vos: peçam ajuda. Saíam dessa relação. É um caminho muito difícil, mas possível de atravessar. Não precisamos, apenas, de ter força de vontade, é preciso aceitar que precisamos de ajuda”. As palavras são de uma sobrevivente de violência doméstica, cujo nome verdadeiro vamos manter incógnito por sua segurança. Chamemos-lhe Alice. A nossa entrevistada aceitou expor a sua história

ou ‘lua-de-mel’ um processo segundo o qual os atos de violência tendem a aumentar de frequência, intensidade e perigosidade ao longo do tempo.” – podendo culminar em homicídio.

A história de Alice espelha-se neste ciclo. A relação essa começou como tantas outras. Dois jovens que se apaixonaram, juntaram-se e constituíram família. “No início corria tudo bem. Apenas me dizia que não gostava que trabalhasse tanto, mas sempre achei que era apenas porque se preocupava comigo. Eu gostava dele e pensava que ele gostava de mim. Na verdade, houve dias bons. Infelizmente, viriam a ser mais os dias maus”, confessa.

A ‘preocupação’ deu lugar a ciúmes infundados. “Eu trabalhava no atendimento ao público, ele umas vezes tinha trabalho, outras não. Bebia muito. Saía muito à noite. Quando chegava, alcoolizado, implicava comigo. Dizia-me que trabalhava para me exibir e que tinha casos com outros homens. Eu pedia-lhe para confiar em mim, porque precisávamos do meu ordenado para sobreviver.”

Alice passou por dificuldades financeiras graves, chegando a ter de pedir ajuda ao Banco Alimentar para garantir as refeições à mesa: “Perdi o meu emprego e passei a fazer apenas algumas horas por semana. Se ele não trabalhava, eu não podia ficar em casa, tinha que nos sustentar. Mesmo assim, era acusada de adultério e, se o dinheiro não chegava para os seus vícios, apanhava. Bateu-me muito. Levei estaladas, empurrões, murros e

pontapés e fiquei sempre em silêncio, com medo do que pudesse acontecer a mim, ao meu filho, à minha família. Depois pedia desculpa e prometia mudar de atitude”.

“Vivi muitos anos aterrorizada. Não dormia, saía para trabalhar sempre sem saber o que me esperava quando voltasse a casa. O meu filho também sofreu bastante a testemunhar esta situação. Dizia-me muitas vezes: ‘Temos que sair daqui. Um dia mata-nos aos dois’. No entanto eu tinha medo de piorar a situação e esperava sempre que ele mudasse. Mas nunca mudou”, desabafa.

A Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) foi alertada pela psicóloga da escola que o jovem frequentava. Foi assim que Alice acabou

encaminhada para os serviços do Espaço Informação Mulheres: “A primeira vez que lá fui estava aterrorizada. Tinha batido no chão, mas deram-me força e disseram-me que eu era capaz de sair daquela situação”.

A ameaça de vida a que o seu filho foi sujeito colocou o ponto final numa história de violência física e psicológica que durava há décadas. “Nos últimos tempos, tudo era motivo para a discussão, que terminava sempre comigo a sofrer agressões, mas, um certo dia, o alvo foi o nosso filho, quando eu não estava por perto”.

O desespero tomou conta de Alice, que depressa se apercebeu que algo não estava bem e correu para casa. As autoridades policiais foram chamadas ao local. Foi o primeiro passo para o que acabaria por ser o início de uma nova vida para ambos.

Refugiou-se em casa de familiares, embora pagasse as contas da casa, em seu nome, onde vivia o agressor. Foram necessários meses para recuperar a habitação. “Foram tempos difíceis. Precisei de muitas forças. Tive o apoio da minha família, do meu filho e do Espaço Informação Mulheres, onde ainda hoje sou acompanhada. Tenho apoio psicológico e participo em terapia de grupo. Sozinha não teria conseguido”.

Passaram-se anos e apesar de continuar a temer uma reaproximação do agressor, Alice está orgulhosa das suas opções e do rumo que a sua vida tomou desde então: “A violência, seja de que forma for, deixa marcas muito profundas. Continuo com medo, mas já não tenho receio de entrar em casa. Estou a trabalhar, pago as minhas contas e vivo, em paz, com o meu filho. Sei que, hoje, sou uma mulher mais forte e não voltarei a ser o ‘tapete’ de ninguém”.

Se precisa de ajuda

(ou sabe de quem precisa)

Ligue para as Linhas de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica

Atendimento Municipal

Espaço Informação Mulheres

917 891 554 – 917 060 714

2.ª a 6.ª das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30

Atendimento Rede Nacional

800 202 148 SMS 3060

Linha Gratuita, 7 dias por semana, 24h/dia

E-mail: violencia.covid@cig.gov.pt



de vida para que, quem se reveja neste texto, saiba que existem portas às quais pode bater. Alice soube abrir essa porta, aceitou o auxílio, quebrou o ciclo e, por isso, sobreviveu. No Espaço Informação Mulheres da Câmara Municipal do Montijo encontrou o apoio que precisava para ganhar forças e reerguer-se. Hoje vive um novo capítulo, longe do terror do ciclo da violência doméstica a que foi sujeita.

Num estudo publicado pela Comissão para a Igualdade de Género e o Centro de Estudos Judiciários pode-se ler que “o ‘ciclo da violência’ engloba três fases centrais: fase do aumento da tensão, fase do ataque violento ou do episódio de violência, e fase de apaziguamento, reconciliação

MIKAEL ELISEU

O cabeleireiro cigano

Mikael Eliseu, tem 25 anos, é de etnia cigana e desde que se lembra gosta de pentear e maquilhar. No Montijo, deram-lhe a oportunidade de trabalhar num salão onde, desafiando preconceitos, de ciganos e não ciganos, adquiriu a experiência e desenvolveu afeição pela profissão. Neste momento está desempregado, mas em breve vai tirar um curso na área e aguarda novos desafios para demonstrar o seu talento.

O nosso entrevistado nasceu em Vila Franca de Xira e é o mais velho de cinco irmãos. “Sempre tive uma luz diferente”, confessa Mikael, enquanto arranja o cabelo à sua ‘alma-gémea’, como gosta de se referir à sua amiga, Carla Silva, a quem agradecemos a disponibilidade para a sessão de fotos.

“Sou uma pessoa que gosta de pessoas. Convivo com muita gente fora da nossa etnia. Não sou um cigano tradicional, como o resto da minha família. Sei que me visto e comporto de forma diferente, mas não é por isso que deixo de ser cigano. Sou como sou e nunca me envergonhei disso. Adoro a minha família e sei que também gostam de mim. Isso é o mais importante” relativiza.

A forma positiva de estar na vida ajudou-o sempre a combater estigmas: “Há muito preconceito, mas

não dou muita atenção a isso. No cabeleireiro tinha algum receio de dizer que era de etnia cigana e que as pessoas não confiassem em mim, mas depois acabaram por me conhecer e aceitar-me tal como sou.”

“Comecei por lavar cabeças. Poucas semanas depois já fazia um brushing na perfeição e, mais tarde, comecei também a maquilhar, que é outra das minhas paixões. As clientes adoram o meu trabalho”, afirma orgulhoso.

Da experiência que adquiriu na Cristina Cabeleiros guarda apenas boas recordações: “Quando entrei, não sabia nada. A minha patroa, Cristina Teixeira, e a minha colega Carmem Correia ensinaram-me tudo, com toda a paciência e carinho. Devo-lhes muito”. No seio familiar, a sua escolha profissional não foi bem recebida por todos: “O meu pai e a minha mãe sempre me apoiaram, no entanto, há familiares que sempre me julgaram. Diziam ao meu pai que não deviam aceitar que eu trabalhasse como cabeleireiro”.

A todas as críticas vindas da sua comunidade, Mikael respondeu da mesma forma: “Estou a ganhar o meu pão. Não são eles que me pagam as roupas e os sapatos. Não ligo às críticas que vêm de fora, sou mais forte que isso”.

Mikael é um jovem multifacetado que abraça com todo o empenho e vitalidade, própria da idade, os projetos que desenvolve: “Gosto de decoração, de moda e de me divertir. Faço muita coisa que aprendo sozinho, como costurar todo o tipo de roupas. Não desisto enquanto não fica perfeito”, explica.

Recentemente, mudou-se com os seus pais, para uma outra casa. Mikael é grato pelo novo lar, ficando comovido quando fala das dificuldades, pelas quais já passou: “Costumamos dizer que ‘não paramos em prado verde’. A minha vida nem sempre tem sido fácil, já passei por muita coisa. Já vivi debaixo de uma árvore, num T2 em que até na cozinha havia quem dormisse e não tenho vergonha de assumir que cheguei a roubar comida, porque tinha fome, apenas e só por isso”.

Alegre, partilha sonhos e conquistas: “No verão vou tirar o curso de cabeleireiro, em Setúbal, através da Segurança Social. Enquanto isso, vou decorando o meu espaço, porque também me ajito a reaproveitar peças antigas, até de um pneu fiz uma mesa (risos). O pouco para mim é muito. É nas pequenas coisas que encontro a minha felicidade”, afirma o cabeleiro.



MARGARIDA E INÁH

Amor sem fronteiras

O amor é um sentimento excepcional, que, desde sempre, inspira artistas, músicos, escritores e filósofos. Não conhece credo, raça, religião ou género. Nasce de vidas que se cruzam e olhares que se prolongam. Com Ináh Garritano e Margarida Moutinho foi assim. O amor que as une supera as barreiras da incompreensão, do preconceito e da intolerância e espelha a luta pela igualdade e respeito pela diversidade sexual e de género. Como diria o poeta Fernando Pessoa: “Pedras no caminho? Guardo-as todas, um dia construirei um castelo”.

Margarida é portuguesa, tem 58 anos. Nasceu no Brasil, mas veio para Portugal com seis anos, onde residiu, com os pais, até aos dezassete anos, altura em que retornou ao ‘país irmão’. Formada em Comunicação Social, na área de propaganda e publicidade, optou por mudar de carreira, exercendo funções na área de Massoterapia e Terapia Ayurvédica.

Ináh é brasileira, com nacionalidade portuguesa. Tem 39 anos e é formada em informática. As suas

vidas cruzaram-se num curso de massoterapia que ambas frequentaram. Em união de facto, desde 2011, casaram-se, volvidos dois anos: “Em 2013, foi autorizado, pelo Supremo Tribunal Federal, o casamento entre pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas; gays; transexuais, travestis e transgéneros, queer, intersexuais, assexuais e mais). Participámos no primeiro casamento coletivo homossexual do estado do Rio de Janeiro, que contou com 130 casais”.

Em 2016, adotaram a filha Maria Júlia, ou Maju, como carinhosamente lhe chamam, à época, com 10 anos. Ináh explica que, inicialmente, a ideia não era uma adoção tardia (crianças a partir dos 8 anos): “No Brasil é necessário fazer um curso para dar entrada no processo adotivo. Fazíamos muitas visitas a abrigos e começámos a aperceber-nos que tínhamos empatia com crianças mais velhas que não são, por norma, as mais procuradas para adoção”.

Depois de um procedimento minucioso, a adoção foi bem-sucedida: “O processo é complexo, mas

acabou por ser breve, devido à idade da Maju. A nossa orientação sexual, no nosso caso, não foi um entrave. Fomos o primeiro casal homossexual a adotar na cidade em que ela estava”.

As nossas entrevistadas não escondem a vaidade que têm na filha: “Fomos consideradas habilitadas para adotar em janeiro e, em junho, conhecemos a Maju. A adaptação correu muito bem. Orgulha-se de ter sido adotada por duas mães. É esclarecida e bem resolvida, quando sente algum tipo de preconceito lida da melhor forma: explica e esclarece”, comenta Margarida.

O casal, no Brasil, deu várias palestras subordinadas aos temas da igualdade de género, identidade, adoção, entre outras. Não hesitam em afiançar que a “chave” para lidar com a discriminação está na reeducação.

No entender de Margarida, combater estereótipos passa por “Esclarecer as pessoas. Aos poucos, as pessoas vão-se formando, reformando e os preconceitos vão caindo por terra. Não adianta dizer ‘Não é assim! Sabemos que nem todas as pessoas estão



HÉLDER COSTA

O complexo processo da legalização

por dentro de alguns assuntos. E exemplifica: “Ser lésbica não é opção, é uma orientação sexual. Eu escolho uma peça de roupa, não opto por quem sinto atração sexual. É um erro comum”, afirma.

Margarida, Ináh e a filha residem no Montijo há três anos. Escolheram viver em Portugal para garantir a segurança da sua família: “O pique de violência já vinha a acontecer desde a destituição de Dilma Rousseff. O país, politicamente, começou a desmoronar e começámos a perceber o rumo que estava a tomar, pois vimos o crescimento de popularidade de Jair Bolsonaro. Assistimos a todo um discurso de ódio contra toda a população LGBTQIA+, contra mulheres, negros/as e todo o tipo de minorias. E, nós, somos tudo isso: mulheres, lésbicas, com uma filha negra adotada. Foi este o cenário que nos levou a mudar de país”.

“Por um lado, existe um Brasil aberto, acolhedor e, por outro lado, existe um outro país, dentro do mesmo, que nos envergonha, onde se mata mais transexuais no mundo e um dos que mais comete crimes contra homossexuais. Nunca fomos agredidas, mas conhecemos quem tenha sido”, lamenta Margarida.

O processo de transição entre os países teve ‘altos e baixos’, explica Ináh: “A Margarida ser portuguesa facilitou imenso. Temos uma amiga que, por coincidência, tinha uma casa, no Montijo, para arrendar que ia ficar vaga. Quando cá chegámos, fomos à junta de freguesia para nos informarmos sobre algumas dúvidas. Encaminharam-nos para o Centro de Apoio ao Imigrante para nos orientarem com o problema da autorização de residência. Fomos muito bem atendidas e acolhidas”.

Ináh, por ser casada com Margarida há mais de cinco anos, requereu a nacionalidade portuguesa. Enquanto a burocracia demorava a resolver as questões legais, conseguiu empregar-se, porém, apesar da sua larga experiência na área da informática, sentiu ‘na pele’ discriminação por ser imigrante: “Na primeira empresa onde trabalhei, percebi que o meu salário estava desfasado em relação aos meus colegas. Disseram-me que era mais baixo, por ser brasileira e, por isso, tinha de comprovar a minha competência. Quando arranjei outra proposta de emprego quiseram-me triplicar o salário. Não aceitei.”

Margarida e Ináh vivem sob o lema “Se não fluir, não é para ser”. Maju vive a sua adolescência, em pleno. Ináh arranhou um emprego, com um ordenado melhor. Margarida confessa que, quando passa as ‘Portas da Cidade’, sente-se em casa.

O acaso trouxe-as ao Montijo. A cidade respondeu-lhes com hospitalidade, como é seu apátrio. Afinal, o amor é mesmo assim. Trilha o seu caminho, indiferente a barreiras e fronteiras, geográficas ou de qualquer outra ordem. O que importa, apenas e só, é ser feliz. Cada um à sua maneira. E os sorrisos das nossas entrevistadas denunciam a enorme alegria que sentem por terem conquistado uma família e construído um lar. Sejam muito bem-vindas à nossa antiga Aldeia Galega, cada vez mais global.

Hélder Costa é angolano e está em Portugal, com a mulher e os quatro filhos, desde 2018. Em Angola, trabalhava numa grande empresa, na área de Recurso Humanos, e a esposa Cesaltina Costa era formadora, na área da Informática. O casal já tinha viajado várias vezes para Portugal em passeio e já tinha adquirido uma casa no Montijo com a finalidade de alugar. Contudo, o projeto de vida alterou-se e a casa nunca chegou a ser alugada.

A instabilidade que se vive no seu país levou a que procurasse uma vida melhor para os seus filhos em Portugal, “cada dia que passava os preços subiam. Fui acompanhando e vi que a tendência era piorar e tomámos a decisão de vir em busca de qualidade de vida, saúde e educação”. Em 2018 viaja com os filhos à cidade do Montijo e estes ficaram de tal modo fascinados que pediram ao pai para ficar logo cá. A primeira tentativa de ficar em Portugal falhou pois era necessário regularizar os vistos.

O processo de legalização e documentação foi uma das maiores dificuldades que enfrentaram. Através de um amigo teve conhecimento da existência do Centro Local de Apoio à Integração do Migrante, da Câmara Municipal do Montijo, que se revelou uma ajuda preciosa no apoio ao seu processo. “Não é fácil, mas com apoio que deram estamos aqui todos legalizados, com todos os documentos e sem problemas”, destaca.

A vida em Portugal nem sempre foi simples. Abandonaram as suas áreas de formação e arregaçaram as mangas. Hélder trabalha numa empresa de encomendas online de uma grande cadeia de supermercados e Cesaltina trabalha em limpezas e no apoio a idosos. Ainda assim realça que “não foi mudarmos de áreas profissionais, mas tivemos que nos adaptar. Apesar das dificuldades a vida vai seguindo em frente e o mais importante é o bem-estar dos filhos”.

Chegou-se a questionar se tinha feito a escolha certa, uma vez que não conseguiam tratar de todos os documentos e foi difícil obter número de segurança social, de utente e até recorrer ao hospital ou ter acesso a vacinas, pedidas pelas escolas: “Viver num país em que não nos sentíamos integrados por falta de documentos desmoralizou-nos, mas foi um obstáculo que ultrapassámos”.

Assume que foram bem recebidos e nunca sofreram qualquer racismo ou discriminação, mas alertou logo filhos para que soubessem lidar com

qualquer situação mais desconfortável: “Quando chegámos disse aos meus filhos que se alguém lhes dissesse alguma coisa sobre a cor da pele para não se chatearem. É normal, porque somos africanos, nascemos com a nossa epiderme. Tentei preveni-los para algum bullying que pudesse



existir. Mas, graças a Deus, correu sempre tudo bem e não temos problemas com ninguém”.

A escolha do Montijo surgiu devido à calma e segurança da cidade. Não se arrepende da decisão que tomou, pois, acima de tudo está a construir um projeto para os filhos. “Estão todos integrados, a estudar e nunca reprovaram. Agora estou cá, sou montijense”, afirma.

Centro Local de Apoio à Integração do Migrante (CLAIM)

2.^a a 6.^a – das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30

Contactos: 917 060 714 - 910 697 293

E-mail: claii.montijo@gmail.com

Divisão de Desenvolvimento Social e Promoção da Saúde

Rua José Joaquim Marques n.º 124
2870-348 Montijo



CARINA NUNES

Missão de vida

Carina Nunes nasceu na Moita e mudou-se para Canha com 16 anos. Ainda adolescente, desafiada por uma prima, acabou por encontrar nos Bombeiros de Canha uma forma de vencer a timidez e conhecer jovens da mesma idade. Carina lembra que a mãe não ficou feliz com a ideia: “para ela, mulheres de farda eram um problema”. Mas Carina insistiu, inscreveu-se e fez logo um curso de primeiros-socorros. Foi desenvolvendo o gosto pela área, tirou cursos de saúde, de tripulante de ambulância, de operadora de central, de progressão de carreira, de incêndios florestais e urbanos. Especializou-se em emergência pré-hospitalar e, mesmo quando todos os amigos desistiram, Carina insistiu, continuou e hoje é subchefe dos Bombeiros Voluntários de Canha, bombeira profissional e bombeira voluntária.

É uma das cerca de 20 mulheres que integram a corporação dos Bombeiros Voluntários de Canha. Embora o género feminino, ainda, esteja em minoria nesta profissão, que é quase sempre uma missão de vida, Carina assegura que não sentiu qualquer dificuldade de integração, “sempre me incentivaram a conseguir e a querer mais, a não desistir. Há partes mais complicadas. O desencarceramento puxa um pouco mais pelo corpo, mas sempre me incentivaram muito.”

As suas funções de chefia foram bem-recebidas dentro do grupo. Admite, contudo, alguma resistência feminina em relação à chefia por parte de outras mulheres. “Acho que as mulheres em geral têm mais dificuldade em aceitar outras mulheres mais acima. Em relação aos corpos de bombeiros

noto que há ocorrências em que mulheres de outras corporações até fazem que não veem para não vir ter comigo, colocar-se em sentido e pedir, por exemplo, licença chefe. Os homens não, aceitam melhor.”

É uma Carina emocionada, que confessa que a diferença entre ela e os homens talvez seja o coração. “O sentimento é mais maternal. Nós pensamos mais com o coração, os homens é bola para frente, vamos embora! Eu é com mais calma, “cuidado espera, espera por mim”. Estou sempre preocupada que não se magoem”.

A subchefe Carina Nunes coordena um grupo de piquete com homens e mulheres, entre os 18 e os 30 anos, num total de dez pessoas, número que na altura do verão aumenta e pode até duplicar em caso de ocorrência de incêndio florestal.

Quando sai na missão de combate a incêndio florestal é responsável por cada um dos cinco elementos da sua equipa. “Não é fácil ir para incêndios fora do concelho. Quando levamos uma equipa conosco é uma grande responsabilidade perder algum elemento ou a equipa inteira. Quando não se conhece o terreno, quando não se conhecem aquelas realidades é muito difícil. Já me aconteceu levar um ou dois bombeiros que era o primeiro incêndio fora da nossa zona e o meu coração estava sempre na boca. Eu confiava neles e confio neles. Mas eles nunca tinham passado por aquela experiência”.

Em 2018 viveu a situação que considera mais difícil da sua vida. Um acidente rodoviário em que faleceu um bebé, com a idade do seu filho. “Foi das piores coisas que me podia ter acontecido na vida.

Fez-me questionar se valeria a pena continuar, se o melhor não seria mudar de vida porque é muito difícil. Ainda pedi ajuda psicológica, mas não esqueci, vai-me acompanhar para sempre. Até fiz uma tatuagem com o nome do menino”.

É no quartel que passa a esmagadora maioria do seu tempo. Ali, cumpre duas funções: a de profissional, com um horário rotativo de oito horas; e o de bombeira voluntária, que envolve um período de trabalho semanal entre as 19h e as 07h e um fim de semana por mês.

Casada e mãe de três filhos, agradece o suporte familiar que lhe permite empenhar-se no trabalho: “quando a mãe não está, está o pai ou os avós. E eles são miúdos muito responsáveis que se ajudam uns aos outros.”.

Confessa que nunca pensou, nem quis fazer outra coisa na vida, “só sei fazer isto”. Ainda assim, e ciente da dedicação e dos riscos envolvidos não quer que os filhos sejam bombeiros, “pelo risco e pelo que exige da nossa vida. Não tenho vida fora dos bombeiros. Os amigos da juventude perdi o contacto com eles e falhei aqueles momentos de sair e de convívio porque ou estava em cursos ou em trabalho relacionado com os bombeiros”.

A subchefe tem o objetivo de contribuir para a integração dos mais novos na vida de bombeiro voluntário. Não se imagina a ser mais que subchefe. “Quero manter a pessoa que sou, aquilo que sou e ajudar a que outros também consigam. Gosto mesmo disto, gosto mesmo do que faço. E assumo com gosto o sentido de responsabilidade e de obrigação.”

OPINIÃO

Equidade no acesso ao espaço público

Quando se fala de construir cidade, raramente se entende essa ação estratégica enquanto elemento promotor da igualdade - no sentido da equidade - e normalmente deixam-se de fora um conjunto significativo de dimensões dessa equidade, no que diz respeito à criação de lugares que possam ser vividos plenamente por todos os cidadãos.

Assim, apesar de isso nem sempre ser claro, numa primeira análise, o acesso pleno ao espaço público levanta questões de idade, disparidades, sociais, género, segurança, saúde, ambiente, entre outras. Ora, quando pensamos no espaço público do qual usufruímos, principalmente quando falamos de espaços centrais e que devem ter como função a concentração de funções centrais e a criação de comunidades à escala local, temos a obrigação de o promover enquanto lugar vivido e não apenas enquanto espaço físico. Em primeiro lugar, este aspeto não está diretamente relacionado com o investimento dispendido na sua construção. Por todo o mundo podemos encontrar espaços públicos que foram alvo de enorme investimento público e que se encontram em grande parte do dia totalmente vazios de pessoas e de vida.

Regra geral isto significa que, em termos de construção de lugar, a abordagem falhou.

Mas o acesso ao espaço público tem que ser entendido também como um direito, considerando o seu caráter estruturante para as cidades e enquanto bem comum, pelo que devem ser asseguradas condições para que todas e todos tenham iguais condições de acesso.

Devemos, pois, pensar o espaço público (seja pre-

viamente existente ou uma nova intervenção) de forma integral segundo, pelo menos, quatro aspetos básicos, para garantir, não apenas a criação de lugares onde se promova a criação de comunidades vividas, mas também a equidade no seu acesso:

- Segurança: devemos criar ruas seguras para todos os que a usam, em todos os momentos
- Acessibilidade: devemos criar ruas facilmente acessíveis a todos, mesmo os que têm mais dificuldades ou limitações
- Igualdade: todos têm igual direito ao acesso à rua e ao espaço público
- Comunidade: devemos criar ruas e espaços públicos vividos por todos, com o cuidado de criar espaços de reunião e atração, sem esquecer as suas várias funções e promovendo a criação de comunidade.

Deste modo, na operacionalização de uma abordagem mais integral do espaço público, devemos pensar que, no que respeita ao espaço dedicado ao automóvel, não podemos dedicar-lhe 80% ou mais do espaço público, entre faixas de rodagem e espaço de estacionamento, relegando para as suas franjas os modos suaves e o espaço pedonal. Há que pensar num novo equilíbrio que promova a equidade e segurança entre todas as situações.

No mesmo sentido, devemos pensar em criar espaços seguros em função da faixa etária da população, designadamente no que respeita ao seu acesso pelas crianças, pela população mais idosa e para os cidadãos mais condicionados na sua mobilidade, eliminando barreiras arquitetónicas muitas vezes esquecidas. Por vezes, uma pequena

diferença de alguns centímetros de altura entre o lancel de um passeio e a estrada pode ser, não apenas uma dificuldade acrescida, mas também um risco para a saúde.

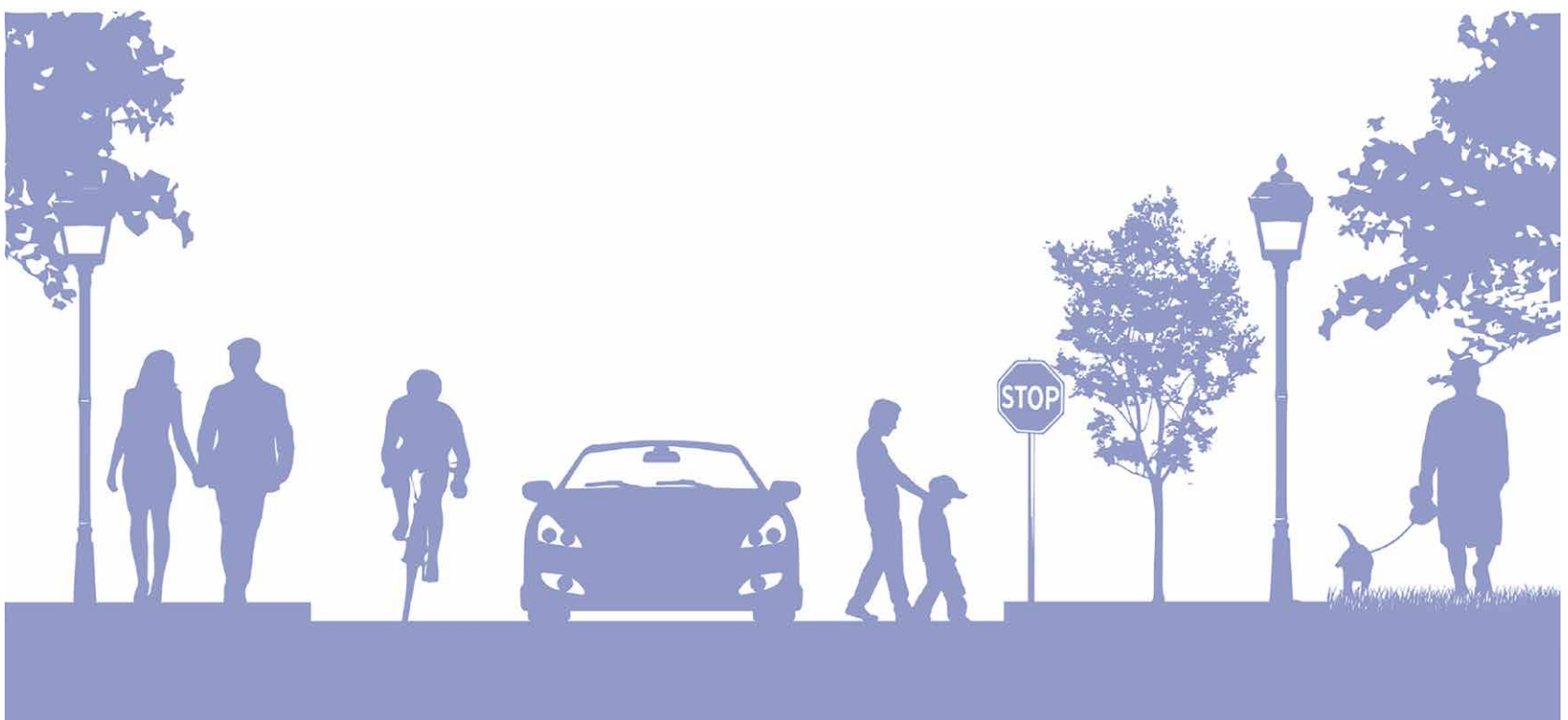
Há que garantir, também algum cuidado, na perceção que temos sobre aspetos como os locais de espera em espaço público, pois temos que os promover enquanto espaço com algum conforto, bem como com segurança para a sua utilização, evitando locais escondidos, mal iluminados ou isolados que possam constituir um risco acrescido para quem deles necessita.

Devem também ser promovidas centralidades, criando espaços de reunião com múltiplas funções e que ao longo dos vários períodos do dia, estão a ser usadas pelas pessoas, que sejam claramente diferentes dos espaços de circulação, mas que contem com a presença de pessoas, o que normalmente é sinónimo de cidades vibrantes e de sucesso. Aqui devem concentrar-se funções comerciais e de serviços, mas também culturais e sociais, beneficiando-se a circulação pedonal e a estadia.

A cidade deve, portanto, programar o seu espaço público, garantindo a igualdade, entendida enquanto equidade, promotora da criação de comunidades vibrantes e saudáveis. Parafraseando Jan Gehl - uma cidade de sucesso é aquela onde as pessoas querem ficar, não é apenas um local de passagem.

Miguel Nascimento

Divisão do Planeamento do Território e Urbanismo
Câmara Municipal do Montijo



CULTURA

Eppur Si Muove [o tempo]

exposição antológica de Roberto Santandreu

Foi inaugurada a 6 de abril, a exposição Eppur Si Muove [o tempo], uma mostra antológica de Roberto Santandreu. Uma parceria com a galeria arperiférica, patente na Galeria Municipal. Presente na inauguração, o presidente da câmara municipal salientou a importância da exposição, que reúne “as mais importantes obras do artista chileno. Uma visão do Sul sobre o Tempo, tema que sempre inspirou a arte.”

Roberto Santandreu já esteve presente na Galeria Municipal em três ocasiões: em 2001, foi um dos fotógrafos convidados da exposição “Um olhar sobre o Montijo”, em 2005 recebeu uma Menção Honrosa em Fotografia na Bienal de

Artes Plásticas e em 2013 apresentou a exposição “Da beleza”.

O autor referiu estar satisfeito por voltar à Galeria Municipal: “Montijo trata bem os artistas, os fotógrafos e quando isso acontece dá vontade de construir, criar e mostrar trabalho”.

A exposição de Roberto Santandreu, é uma alusão ao movimento do tempo. Sobre o título da exposição o autor esclareceu que “existe um tempo científico que é uma linha, uma constante que pode ser mensurada, mas existe um outro Tempo que não é mecânico, um Tempo vital que é o nosso conhecimento, as nossas emoções e experiências. No fundo a fotografia junta estes dois tempos”, afirmou o

autor. O autor, de nacionalidade chilena, nasceu em 1948, na cidade de Milão e desde muito cedo manifestou o seu interesse pela fotografia.

Deixa o seu país em 1973, passa por Oslo e Londres e, no ano de 1975, atraído pelas imagens do 25 de Abril, muda-se para Lisboa onde fixa residência e cria o seu estúdio de fotografia.

Expõe regularmente, desde 1996, e há muito que colabora com a Galeria Municipal, tendo recebido uma Menção Honrosa, em fotografia, na 8ª Bienal de Artes Plásticas da cidade do Montijo. A exposição pode ser visitada de 3ª a sábado, das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30. A entrada é gratuita.



ENTREVISTA

Catarina Potra

Uma promessa a defender o futebol feminino

Com apenas 15 anos, Catarina Potra, guarda-redes do Sporting Clube de Portugal e das seleções jovens de Portugal, é uma promessa das balizas do futebol feminino e um exemplo de força e perseverança que faz das críticas e discriminações uma motivação para ser ainda mais e melhor e nunca desistir dos seus sonhos.

Montijo Hoje – Quando começou a paixão pelo futebol?

Catarina Potra – Não era bem uma paixão, era o meu passatempo. Saía da escola ia para o campo jogar à bola com os meus amigos, nos intervalos, ainda na primária, com os rapazes no parque. Sempre foi um hobbie, nem nunca pensei que um dia ia jogar futebol a sério, até porque eu na altura fazia judo. O Sporting convidou-me para fazer um treino e eu respondi que o que queria era judo. Acabaram por ser os meus pais a convencer-me. Acabei por ir e agora sim posso dizer que é uma paixão.

MH – Sempre foste Guarda-Redes?

CP – No primeiro treino levei umas luvas, mas quando a treinadora me perguntou em que posição jogava respondi que não sabia. Acabei por sugerir que podia ser guarda-redes, sem saber muito bem o que estava ali a fazer e é a posição que ocupo até hoje.

MH – Descobriste que era a tua vocação?

CP – Sim isso é o que eu gosto mais, é de me atirar para o chão (risos).

MH – Começaste a jogar com que idade?

CP – Tinha 12 anos. No início ainda fiz uma época a fazer judo e futebol ao mesmo tempo, mas depois tive de escolher. Optei pelo futebol.

MH – Sempre gostaste de desporto?

CP – Sempre, até por causa do meu pai que foi atleta desde muito cedo, fazia atletismo. Ele é que me inspira em todos os aspetos.

MH – Desde que começaste a jogar futebol, sentiste alguma discriminação em relação ao futebol masculino?

CP – Existem diferenças que noto na forma como tratam o futebol feminino. Temos menos regalias. Por exemplo, habitualmente, nós treinamos no estádio universitário (agora não é possível por causa da pandemia) onde treinam os mais novos, que ainda jogam futebol como uma brincadeira, com equipamentos novos, enquanto nós que já somos uma equipa Sénior B, semiprofissional, treinamos com roupa de há 2 ou 3 anos. Outro exemplo, os meninos mais novos da margem sul, os pequeninos, para virem para Lisboa têm carrinha para ir aos treinos, enquanto nós ou temos de pedir favores, aos pais

ou vir de transportes públicos. Há quem saia de casa com duas horas de antecedência para chegar de transportes ao estádio universitário. São apenas duas das muitas diferenças que ainda existem.

MH – Ainda existe discriminação pelo facto de seres mulher?

CP – Sim existe. Por exemplo, a época passada eramos uma equipa feminina que também jogava contra rapazes, e o que mais ouvíamos durante os jogos era “as princesinhas”, “não toquem nas princesinhas”. E isto nem vem tanto dos rapazes que jogavam contra nós, mas sobretudo dos pais, o pessoal mais novo aceita muito melhor.

MH – Na tua opinião como tem evoluído o futebol feminino?

CP – É, sem dúvida. Tudo o que me possam dizer para me mandar abaixo, é exatamente aquilo que me faz lutar ainda mais por aquilo que eu quero. Não sou pessoa de desistir por nada. O meu objetivo, e penso que o de qualquer jogadora, é a seleção A. Gostava, também, de jogar numa equipa grande fora do País, Espanha era o meu foco.

MH – Tens algum ídolo no futebol?

CP – Sim, a guarda-redes da equipa principal do Sporting, a Patrícia Morais. Tenho a oportunidade de treinar com ela às vezes e é incrível, não tenho palavras. Desde que entrei no futebol que as pessoas dizem “está aqui a futura Patrícia Morais”, “o futuro da baliza do Sporting”.

MH – Que mensagem gostavas de deixar para



FOTO: JORNAL SPORTING/SPORTING CP

CP – Ainda há muito a melhorar. Em Portugal, por exemplo, vê-se que ainda há muita coisa para melhorar. Há países que já avançaram mais. A seleção feminina dos Estados Unidos vai passar o mesmo que a masculina, e o mesmo se vai passar ao nível dos clubes, aproximando muito os salários aos dos homens e isso já é incrível. Aqui a diferença de salário é enorme.

MH – E mesmo com essas condicionantes é no futebol que queres fazer carreira?

outras jogadoras ou jovens que ambicionem ser jogadoras?

CP – Acima de tudo, a primeira coisa que têm de saber é que não vai ser fácil e da maneira como o futebol feminino está a crescer, também cada vez vai haver mais concorrência, mas o principal é não desistir. Os comentários que se ouvem, não passam disso mesmo e nada contribuem para a nossa felicidade, façam deles um motivo para sermos ainda melhores.

ALTO ESTANQUEIRO - JARDIA

Repavimentação do Caminho Municipal 1124

Está concluída a obra de reabilitação e repavimentação do Caminho Municipal 1124. A obra que compreendeu a repavimentação de troço, o saneamento de raízes, o alargamento das vias, a execução de bermas e a execução de drenagem pluvial, teve um custo aproximado de 95 mil euros.



MONTIJO

Avenida Luís de Camões

A câmara municipal está a proceder a obras no conjunto de passadeiras elevadas e a efetuar o alargamento de passeios na Avenida Luis de Camões.

BE

25 de Abril 2021

Celebramos o aniversário do 25 de Abril.

Aumentam os sentimentos negativistas, os tempos de incerteza e de dúvida. Aumenta a angústia, a pobreza e a desigualdade económica e social.

O surgimento e reforço de partidos de extrema-direita revela que esta sociedade capitalista está caduca e promove a desigualdade e a desumanização. O Populismo ganha espaço pois as atuais políticas neoliberais aumentam o fosso entre ricos e pobres.

O futuro é incerto. As novas gerações individualizam-se e fecham-se nas redes sociais. Ficámos mais resignados, acomodados, pouco lutamos pelos nossos direitos, enviamos mensagens para as redes sociais e achamos que fizemos a nossa parte.

A Operação Marquês demonstrou as enormes falhas na justiça que se quer igualitária. Este mega processo revelou a promiscuidade entre governantes, ex-governantes e empresas. Na realidade não somos todos iguais.

O BE propôs em 2009, 2011 e novamente em 2015 a criação do crime de “enriquecimento ilícito ou injustificado”.

Os cidadãos têm de justificar como enriquecem ou como aumentam o seu património sem justificação ou razão aparente. É preciso transparência.

São dezenas de milhares de milhões de euros que foram desviados em perdões, fraudes e benefícios fiscais, em transferências para bancos, em corrupção, economia paralela, etc. Fica o Estado e nós a perder.

O PS, o PSD, o CDS criam normalmente obstáculos a este tipo de leis. Porque será?

A transparência não é fundamental para os valores democráticos do pós 25 de Abril?

Para se combater a corrupção tem de se redistribuir igualmente a riqueza e a utilizar-se regras transparentes na economia.

Nasci depois do 25 Abril de 1974 e estou grato aos que lutaram pela democracia, igualdade e liberdade.

Abril é esperança para todas e todos.

Viva o 25 de Abril e Viva o 1º de Maio

Ricardo Caçoila

PSD

+ Bombeiros – Clientelismo

Após 24 anos de gestão socialista no Montijo a realidade só piorou o apoio aos Bombeiros Voluntários de Montijo apesar do esforço inglório dos seus competentes elementos em prestar um socorro eficiente a população.

Embora a Autarquia durante este mandato tenha apoiado, a aquisição de viaturas e equipamentos, bem como outros investimentos, os Bombeiros pela ineficácia da Câmara e da inércia da Direção perderam apoios no valor de 500 mil euros de fundos comunitários, que tanto eram necessários para requalificar o quartel.

Contudo, a Direção opta por em conluio com a Câmara, punir os elementos do corpo ativo, atuando de uma forma despudorada em socorro político do executivo PS em vez de tentar sanar os problemas internos que a sua inabilidade administrativa causou.

Todas estas tropelias originaram que a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Montijo, tenha um grave problema de prontidão no socorro às populações e possua um défice anual de cerca de 250 mil euros, constatando-se ainda, para além disso, um défice no investimento de cerca de 1 milhão de euros.

Os Bombeiros são um dos principais baluartes da atuação da proteção civil, e os seus elementos são ótimos e competentes profissionais, que não deviam ser incluídos neste descrédito, com que a Direção, sujeitando-se à tutela política da Câmara, insiste em os colocar. O Município de Montijo, deverá usar os seus ativos financeiros, para dotar os Bombeiros, dos meios necessários para prestarem um serviço de qualidade, e nunca no esbanjamento através da subsidiodependência que só serve para alimentar a clientela política subserviente.

Espaço Oposição

OBRAS

Praça 1.º de Maio

Estão a decorrer obras de requalificação da Praça 1.º Maio e Largo do Guitarrista. Foi feita a avaliação da circulação viária bem como da futura localização da praça de táxis. Ficaram ainda definidos alguns dos alinhamentos e o alargamento dos passeios, de modo a garantir a acessibilidade às lojas e melhorar a segurança pedonal. A instalação de novas condutas de abastecimento de água e remodelação de coletores de drenagem das águas residenciais estão concluídas. O projeto foi incluído no Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU), tem um investimento de 481.613,31€, com financiamento de 50 por cento por fundos comunitários, no âmbito do Portugal 2020.



OBRAS

Fernanda Fragateiro visita Jardim Inclinado

O presidente da Câmara Municipal do Montijo, Nuno Canta, acompanhou a artista montijense Fernanda Fragateiro e o arquiteto Rui Mendes na visita à obra do Jardim Inclinado da Rua Miguel Pais.

A artista plástica é a autora dos desenhos naturalistas inscritos na calçada dos passeios.

O projeto do jardim inclinado da Rua Miguel Pais corresponde ao propósito estratégico de prolongar os espaços permeáveis na frente ribeirinha do Montijo. O projeto compreende um edifício-jardim inclinado com passeios envolventes, com o objetivo de ligação da cidade com o rio.

O projeto foi incluído no Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) e tem um investimento de 387.480.21€, com financiamento de 50 por cento por fundos comunitários, no âmbito do Portugal 2020.



COVID-19

Cerca de 25 por cento da população já vacinada

No âmbito do Plano de Vacinação contra a Covid-19, e até ao fecho da edição, foram vacinadas 14.500 pessoas, no Centro de Vacinação em massa, instalado no Pavilhão Municipal do Esteval.

No decorrer do plano foram já administradas vacinas à população elegível, a forças de segurança

nomeadamente, elementos da PSP e operacionais dos Bombeiros de Montijo, Alcochete e Moita bem como ao pessoal docente e não docente do pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário.

A vacinação em massa continua a desenrolar-se com a inoculação de pessoas com mais de 60 anos.



SEMANA VERDE

Plantação de sobreiros

A Câmara Municipal do Montijo assinalou a Semana Verde com a plantação de quatro sobreiros no jardim do Vale Salgueiro. O corredor verde é um elemento singular e fundamental na qualidade de vida dos montijenses e na redução do dióxido de carbono.

A câmara municipal instituiu, desde há vários anos, a Semana Verde do Montijo, com o objetivo de sensibilizar a população para a importância da preservação das árvores e, neste processo, têm sido envolvidos alunos, professores, agentes e comunidade local.

Este ano, devido à pandemia da Covid-19, as comemorações da Semana Verde realizaram-se de forma simbólica e também online, mas em 2022 espera-se que as crianças das nossas escolas participem novamente na plantação das árvores.

PEGÕES

Pavimentação da Avenida da Liberdade nas Faias

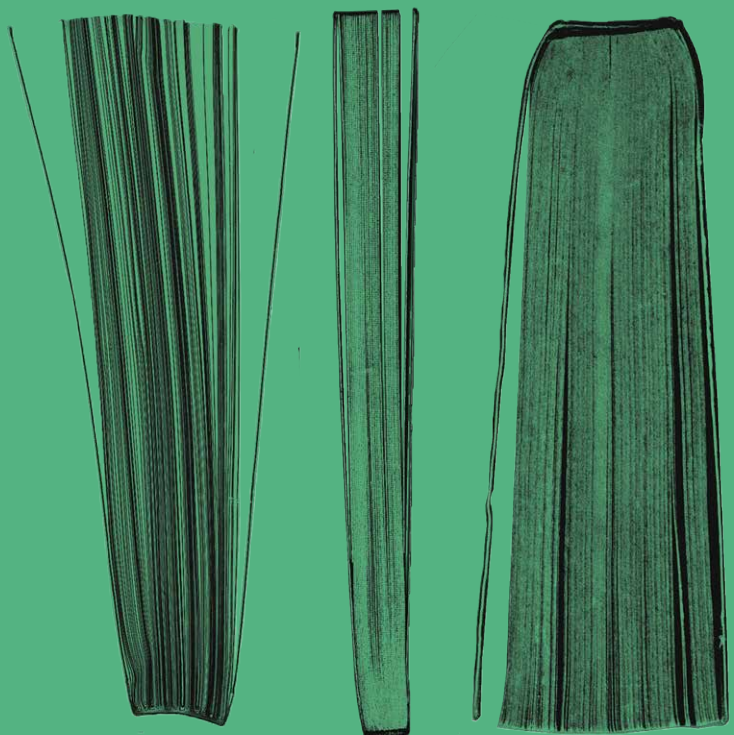
Está em curso a pavimentação dos cerca de 1,5 km da Avenida da Liberdade, no núcleo das Faias, na União de Freguesias de Pegões.

Uma obra no valor de 135.417,51€ que integra o plano definido pela Câmara Municipal do Montijo para a reabilitação de caminhos rurais, em Santo Isidro de Pegões.

Estão já concluídos os trabalhos de drenagem de águas pluviais e está a ser compactada a caixa de pavimento aguardando-se, nas próximas semanas, a colocação do pavimento betuminoso.



X CONCURSO POESIA E FICÇÃO NARRATIVA





Participantes
entre 15 e 35 anos

Entrega até
31 agosto 2021

Normas de participação
www.mun-montijo.pt

Gabinete da Juventude
Câmara Municipal de Montijo

Mais informações
juventude@mun-montijo.pt

 [juventude.montijo](https://www.facebook.com/juventude.montijo)
 [juventudecmmontijo](https://www.instagram.com/juventudecmmontijo)

MONTIJO JOVEM